

CONRADO HENRIQUE HACKMANN

**O Vínculo Veterinário-Tutor-Animal nos Cuidados Paliativos: sua
Importância na Jornada do Luto**

São Paulo
2023

CONRADO HENRIQUE HACKMANN

**O Vínculo Veterinário-Tutor-Animal nos Cuidados Paliativos: sua
Importância na Jornada do Luto**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Programa de Residência em Saúde da
Faculdade de Medicina Veterinária e
Zootecnia da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Clínicas Médica
e Cirúrgica de Pequenos Animais
(Cirurgia)

Orientadora:
Profa. Dra. Julia Maria Matera

São Paulo
2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: HACKMANN, Conrado Henrique

Título: O Vínculo Veterinário-Tutor-Animal nos Cuidados Paliativos: sua Importância na Jornada do Luto

Monografia apresentada à Comissão de Residência
Multiprofissional da Faculdade de Medicina Veterinária
e Zootecnia da Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para conclusão da residência em Clínica
Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais - Cirurgia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Julia Maria Matera.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

Dedicatória: *dedico este trabalho à minha cachorrinha Susi, que nos últimos anos me ensinou tanto sobre o amor incondicional entre um cão e seu tutor.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, minha mãe Elisabete, meu pai Roberto e à minha vó Sueli, principalmente, por todo o apoio incondicional, amor e suporte ao longo dessa jornada difícil que foi a aprovação na residência em cirurgia e durante todos os altos e baixos da profissão. Foram dois anos intensos de muita dedicação física, social, psicológica e espiritual nesse hospital. Sem vocês, não teria forças para terminar.

Gostaria de agradecer imensamente às minhas professoras e mentoras Samanta Rios Melo, Julia Maria Matera e Aline Bolzan, por terem me incentivado a entrar na residência, por terem me ajudado em tantos momentos difíceis e por sempre me incentivarem a continuar estudando, buscando aprimoramento e a não desistir dos meus sonhos. Obrigado por serem fonte de inspiração e de apoio infindável. Possuo uma admiração enorme por vocês!

Às minhas cachorrinhas Frida e Tati pelo amor e apoio, vocês me fazem uma pessoa muito mais feliz e completa. E também à Susi, Toni e Toninho, meus cachorrinhos que me guardam e vigiam de lá de cima. Susi, me despedir de você durante a residência foi muito difícil, mas saiba que você me inspira a continuar buscando e lutando pelo melhor na minha profissão.

Aos meus “RParças”, “RPais” e “RFilhos” sem exceção, a residência com certeza não teria sido a mesma sem vocês! Obrigado pela ajuda com todos os pacientes, por todos os ensinamentos, pela parceria, pelos almoços leves, pelos choros, desabafos, risadas e momentos únicos que vivemos juntos! Meus dias foram incríveis com vocês e vocês são amizades e profissionais que levarei para o resto da minha vida!

Aos meus preceptores do HOVET e à toda equipe de professores, enfermeiros, administração, estagiários e limpeza, especialmente para Geni Patrício, Patrícia Flor, Ayne Murata, Gabriella Salewski, Fábia Nicolini, Caio Duarte, Carlos Larson Jr, Débora Paulino, Bruna Coelho, Denise Simões, Laís Rigon e Paola Gliksberg, obrigado por terem me ensinado tanto e por terem moldado o profissional que serei. Sempre serei muito grato a cada um de vocês!

Aos meus pacientes e suas famílias, obrigado por toda a confiança e por terem me dado a oportunidade de aprender tanto com vocês e cuidar de cada um! Vocês marcaram minha vida.

RESUMO

HACKMANN, CONRADO HENRIQUE. **The Veterinary-Tutor-Animal Bond in Palliative Care:** its Importance in the Grief Journey. 2023. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Clínicas Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais - Cirurgia) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A relação entre humanos e animais apresenta longa data, sendo os animais trazidos e retratados na sociedade de muitas formas. Com a modernização desse relacionamento, houve um grande aumento de sua proximidade, havendo um aspecto de humanização dos animais, hoje tidos como membros da própria família, muitas vezes enxergados como crianças. A presença dos animais em nossas vidas traz inúmeros benefícios ligados à saúde física, social e psicológica, importantes para o bem-estar humano. No entanto, a perda de um animal doméstico pode possuir um impacto importante sobre a saúde humana, com um grande impacto negativo. Nesse sentido, é necessário estudar e melhor entender o vínculo tutor-animal, buscando entender qual é o tipo de apego existente entre eles, o qual pode se tornar grande, inclusive a ponto de se tornar um fator complicador no luto pela perda de uma animal de estimação. Além disso, o luto gerado por essa perda pode gerar diversos prejuízos sobre a saúde física, social, psicológica e espiritual humana, sendo que cerca de 30% dos casos de luto pela perda evoluem para um luto complicado, representando uma ameaça importante para a saúde e vida do indivíduo que o enfrenta. Nessa perspectiva, essa revisão bibliográfica objetiva avaliar a importância da criação do vínculo veterinário-tutor-animal nos cuidados paliativos e como ele pode ajudar diante da jornada do luto. O médico veterinário é o profissional da saúde que estará presente no tratamento de doenças ameaçadoras da vida e terminais em animais de companhia, podendo participar ativamente no seu diagnóstico e tratamento. Esse profissional é capaz de entender o animal e sua doença, verificar seu estágio, possibilidade de deterioração da saúde e funcionalidade do animal, comunicando à família de forma terapêutica sobre sua evolução e possíveis desfechos, buscando um melhor entendimento da situação e agindo como um facilitador do processo de luto da família.

Palavras-chave: Luto; Cuidados Paliativos; Vínculo Veterinário-Tutor-Animal.

ABSTRACT

HACKMANN, CONRADO HENRIQUE. **Tobacco Smoke and Ambiental Poluentes Influency in the Risk of Development of Lymphoma:** a One Health and Comparative Health Perpective between the Human and Canine Species. 2023. Course Conclusion Thesis (Specialization in Small Animal Medical and Surgical Clinics - Surgery) – Faculty of Veterinary Medicine and Animals Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The relationship between humans and animals presents a long-standing, with animals being brought and portrayed in society in many ways. With the modernization of this relation, there was a great increase in their proximity, with an aspect of humanization of the animals, today considered as members of the family, often seen as children. The presence of animals in our lives brings countless benefits associated to physical, social and psychological health, which are important for human well-being. However, the loss of a pet can have a major impact on human health, with a negative impact. In this perspective, it is necessary to study and better understand the tutor-animal bond, seeking to understand the type of attachment that exists between them, which can become intense, even to the point of becoming a complicating factor in mourning the loss of an animal. Furthermore, the grief generated by this loss can cause several damages to human physical, social, psychological and spiritual health, with around 30% of cases of grief over loss of animals evolving into complicated grief, representing an important threat to the health. and the life of the individual who faces it. From this perspective, this literature review aims to evaluate the importance of creating the veterinarian-tutor-animal bond in palliative care and how it can help in the grief journey. The veterinarian is the health professional who will be present in the treatment of life-threatening and terminal diseases in companion animals, and can actively participate in their diagnosis and treatment. This professional is able to understand the animal and its disease, check its stage, possibility of deterioration in the animal's health and functionality, communicate to the family in a therapeutic way about its evolution and possible outcomes, seeking a better understanding of the situation and acting as a facilitator of the family's grieving process.

Keywords: Grief; Palliative Care; Veterinary-Tutor-Animal Bond.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: benefício potencial dos cuidados paliativos para os pacientes em relação ao momento da doença	31
Figura 2: variação de necessidade de cuidados paliativos	32
Figura 3: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de rápido declínio funcional	33
Figura 4: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de declínio funcional intermitente	34
Figura 5: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de declínio funcional gradual	35
Figura 6: o mnemônico “SPIKES” e seu significado	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escala de Performance Paliativa (PPS) Versão 2 36

Tabela 2: o mnemônico “NURSE”, seu significado e exemplos de aplicação referentes a cada letra do mnemônico 43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 OBJETIVO

3 BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS

4 ENTENDENDO A RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL

5 O LUTO PELA PERDA DE ANIMAIS DE COMPANHIA

6 O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO NA JORNADA DO LUTO

7 O PAPEL DOS FAMILIARES, AMIGOS E ESPIRITUALIDADE

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

As pessoas convivem com os animais a longos tempos dentro da história. Uma série de percepções sobre a relação entre humanos e animais foi feita por diferentes culturas acerca da saúde e bem-estar que essa interação poderia promover aos humanos.¹

Ao longo dos anos, os animais foram trazidos e retratados dentro da sociedade de formas e maneiras diferenciadas, reforçando o importante vínculo humano-animal existente. Na história, foram usados por líderes de nações, políticos e presidentes para passarem uma imagem favorável. Também foram utilizados em propagandas de produtos para demonstrar uma atmosfera mais convidativa aos produtos em destaque, sendo responsáveis por uma estratégia de marketing responsável pelo aumento de vendas de alguns produtos. Apesar de única e individual, é possível entender a importância dessa relação de maneira global quando é retratada através de obras literárias e cinematográficas importantes, reconhecidas e queridas pelo mundo todo, como em “Marley e Eu”, “Para Sempre ao Seu Lado” e “As 4 Vidas de Um Cachorro”.¹

O livro “Marley e Eu”, escrito por John Grogan em 2005, traz um importante trecho reconhecido e agraciado pela crítica de forma geral explicando esse fenômeno: “Para um cão, você não precisa de carrões, de grandes casas ou roupas de marca. Símbolos de status não significavam nada para ele. Um pedaço de madeira já está ótimo. Um cachorro não se importa se você é rico ou pobre, inteligente ou idiota, esperto ou burro. Um cão não julga os outros por sua cor, credo ou classe, mas por quem são por dentro. Dê seu coração a ele, e ele lhe dará o dele. É realmente muito simples, mas, mesmo assim, nós humanos, tão mais sábios e sofisticados, sempre tivemos problemas para descobrir o que realmente importa ou não. De quantas pessoas você pode falar isso? Quantas pessoas fazem você se sentir raro, puro e especial? Quantas pessoas fazem você se sentir extraordinário?”.² De forma subjetiva, sempre foi possível entender a importância e carinho desses animais em nossas vidas, bem como a importância de sua companhia na construção de um vínculo afetivo verdadeiro.

No século 19, as pessoas acreditavam que trabalhar e viver com um animal de estimação poderia trazer benefícios terapêuticos, além de que o cuidado por animais em asilos por indivíduos com transtornos mentais poderia ser utilizado como

objeto transicional na psicoterapia. Porém, até esse momento não existia evidência científica acerca deste conhecimento.¹

O primeiro estudo que descreveu os benefícios de saúde entre a relação entre humanos e animais foi um estudo longitudinal relacionando a tutoria de um animal com um aumento da sobrevida de pacientes hospitalizados com doenças coronárias do coração. Neste estudo, pessoas que tinham cachorros eram mais favoráveis a estarem vivas 1 ano após a hospitalização do que pessoas que não tinham cachorros. Esse efeito também foi demonstrado por pessoas que tinham outros tipos de animais de companhia sobre os que não os tinham.³

A partir deste, diversos estudos surgiram buscando entender os benefícios da construção do vínculo humano-animal, sobre os quais trataremos mais à frente. No entanto, seus resultados tornam claros os benefícios para as espécies e a importância e apego dos tutores dados a esses animais, sendo por muitas vezes considerados como membros de suas famílias.⁴ Por esse motivo, também tornou-se clara a importância e impacto da morte do animal neste cenário, podendo esta representar uma importante desvantagem da construção desse vínculo, a depender do tipo de vínculo gerado e do status físico, psicológico e social do indivíduo afetado. Muitas vezes, a morte do animal de companhia precede a de seu tutor, por conta das diferenças de estimativa de vida existente entre as espécies, mas isso nem sempre é levado em consideração pelos tutores.⁵

Tendo conhecimento dos fatos expostos acima, surgem perguntas importantes: seria possível tornar o processo de luto pela perda de um animal melhor? Amenizar de alguma forma esse sofrimento? Quais estratégias podem ser utilizadas durante esse processo? Existem profissionais capacitados para auxiliar neste problema? Quais?

É nesse âmbito que se faz necessário o maior conhecimento sobre o vínculo humano-animal, bem como entender sobre a importância dele para o tratamento das morbidades apresentadas pelo paciente animal por um médico veterinário. Estaríamos tratando apenas doenças? Ou estamos lidando com um âmbito muito maior, na qual devemos enxergar o indivíduo e a família por trás de um determinado problema de saúde trazido através de uma consulta clínica ou cirúrgica?

2 OBJETIVO

Essa revisão de literatura objetiva discorrer sobre a relação e o vínculo humano-animal, estabelecido e ampliado ao longo dos anos de forma importante, discorrendo sobre as principais vantagens e desvantagens dessa relação para as espécies.

Entendendo a morte do animal como importante desvantagem entre a criação de um vínculo poderoso humano-animal, a revisão também visa discorrer sobre a importância do médico veterinário nesse cenário, com enfoque principal na área de cuidados paliativos, entendendo como sua atuação pode ser um importante instrumento de poder na jornada e processo de luto.

O artigo visa concluir esse objetivo discorrendo sobre os principais conhecimentos relacionados aos benefícios da convivência com animais, os principais fatores envolvidos no vínculo humano-animal e como ele pode se comportar em diferentes pessoas, entender a importância do luto pela perda de um animal de companhia, qual a importância do médico veterinário e do paliativismo ao percorrer a jornada do luto e quais estratégias podem ser utilizadas à favor deste profissional para facilitar este processo.

3 BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS

A interação humano-animal apresenta longa data e, com o passar dos anos, sofreu grandes alterações em sua estrutura. Se anteriormente os animais eram muitas vezes mantidos em quintais e se alimentavam de sobras de comidas em muitas famílias, hodiernamente, muitos ocupam lugar privilegiado em meio à família que o adota, habitando o interior da casa, possuindo alimentação sofisticada e especializada, são considerados parte integral da família por muitos e desfrutam de cuidados médicos cada vez mais avançados.⁶

As vantagens e razões para se possuir um animal de estimação variam entre as famílias, mas podem incluir a existência de menos contatos sociais e a solidão das grandes cidades; a busca de prazer no vínculo com outro ser vivo; a busca de senso de segurança, de entretenimento e companhia; e o desejo veemente de contato, de comportamento protetor e de troca emocional.⁶

Como anteriormente mencionado, as pessoas convivem com animais a longos tempos dentro da história e uma série de percepções observadas ao longo do tempo relacionadas à melhoria da saúde física, social e psicológica ao conviver com animais motivaram o início de estudos neste âmbito.¹

O primeiro estudo que descreveu os benefícios de saúde entre a relação entre humanos e animais foi um estudo longitudinal relacionando a tutoria de um animal com um aumento da sobrevida de pacientes hospitalizados com doenças coronárias do coração. Neste estudo, pessoas que tinham cachorros eram mais favoráveis a estarem vivos 1 ano após a hospitalização do que pessoas que não tinham cachorros. Esse efeito também foi demonstrado por pessoas que tinham outros tipos de animais de companhia sobre os que não os tinham.³

Friedmann e colegas utilizaram este estudo para investigar as causas para os benefícios observados neste primeiro estudo, utilizando um modelo biopsicossocial para providenciar um modelo de trabalho que pudesse entender o papel das interações entre humanos e animais no contexto da saúde humana. Neste modelo, a saúde é tida como um resultado que varia de um mínimo (vegetativo ou minimamente um estado funcional) para um máximo (estado ideal de bem-estar). A saúde é entendida como uma combinação de fatores físicos, sociais e psicológicos, os quais também interagem entre si, assim, disruptões ou melhorias em um destes campos poderia levar a alterações dos outros dois e a integração entre esses três na perspectiva de saúde completa de uma pessoa.³

Possuir um pet, oferece à pessoa uma forma de interação imediata, sendo esse laço maior ainda quando o animal de estimação pode viver dentro da casa de seu tutor, devido à maior proximidade entre eles. Dentre a população americana, 80% das pessoas acreditam que a presença de um animal de companhia trás maior felicidade à família. A presença dos animais em casa pode fornecer ao seu tutor benefícios ligados à saúde psicológica, física e social.⁷

Foi construída a hipótese de que animais de companhia podem oferecer suporte social por providenciarem um mecanismo de cuidado, proporcionarem um motivo para ter um estilo de vida variado e interessante e reduzirem a solidão e depressão, além de outras contribuições. Eles também propõem que pode haver um envolvimento da relação com os animais no fator psicológico, aumentando sentimentos de segurança, reduzindo respostas de estresse, diminuindo a ansiedade, além de providenciar um ímpeto ao exercício. Além de envolver um fator social individual, a tutoria de um animal de companhia também pode fornecer suporte social a outras pessoas, à medida que ser recebido por um animal de companhia em uma casa também pode afetar a saúde das pessoas sendo recebidas por ele.³

A grande maior parte dos estudos que avaliam os impactos da tutoria de animais de estimação sobre a saúde humana são estudos observacionais transversais que compararam a saúde de pessoas que possuem animais com as de pessoas que não os possuem, tendo alguns diferenciado também as espécies animais presentes nas casas. Eles demonstram que a tutoria de animais por adultos mais velhos foi associada com menores níveis de depressão e solidão entre indivíduos isolados ou vulneráveis, sendo o mesmo válido para pessoas em processo ativo de luto e para mulheres jovens adultas que moram sozinhas.⁸

Estudos com maiores grupos populacionais que avaliaram uma amostra nacional de pacientes adultos mais velhos atendidos pela atenção primária demonstraram que o efeito da tutoria desses animais para prevenção da solidão variou de acordo com o tipo de situação na qual esses indivíduos moravam. As pessoas que não possuíam animais e moravam sozinhas representavam o grupo mais solitário, porém a tutoria de animais no grupo como um todo não contribuiu para mudanças desse padrão de comportamento. No entanto, ao se tratar de um grupo específico composto por mulheres adultas de idade avançada, o apego e

suporte de cães e gatos mediou efeitos de solidão e depressão sentidos por esses pacientes.⁹

As diferenças observadas em estudos de diferentes modelos torna difícil a extração de resultados obtidos em estudos observacionais translacionais para uma larga escala, devido principalmente ao número amostral observado.¹⁰ No entanto, a tutoria de animais parece estar associada à diminuição de níveis de depressão em subgrupos da população particulares, como mulheres de idade avançada, indivíduos que vivem sozinhos e pessoas em processo ativo de luto, os quais podem representar parte da população que recebe menor suporte social e enfrenta de forma mais direta situações de depressão, podendo a tutoria desses animais aliviar os sintomas observados.¹ A contribuição dos animais de companhia se estende de forma positiva também para a sociedade nas quais estão presentes, nas quais sua presença aumenta percepções e sentimentos de comunidade e simpatia.¹ A presença de um cão em casa também auxiliou na redução do estresse em crianças com espectro autista e dos seus cuidadores em suas famílias, além da redução da ansiedade de pessoas que apresentam a doença de Alzheimer.⁷

Famílias que possuem cães ou outros animais que necessitam de exercício físico também possuem um aumento de motivação para se exercitar. Esse fator é de grande importância para a prevenção de doenças crônicas e de agravantes de saúde, reduzindo fatores de risco para o desenvolvimento de obesidade e levando à diminuição do risco de mortalidade, por consequência. Esse efeito é mais observado em famílias que possuem cães, nas quais passear com o cão proporciona um estímulo à caminhada, ausente em muitos programas de exercícios físicos. Caminhar com os cães aumenta o propósito da atividade, providencia um aumento da força de motivação, companhia e suporte social.¹¹

Para pessoas que possuem dificuldade em estabelecer interações sociais com outras pessoas, os animais de companhia podem também facilitar o processo de construção de novas interações. Pessoas enlutadas possuem maior dificuldade nesse processo, sendo beneficiadas por sua presença. Na sociedade americana, 71% das pessoas envolvidas numa pesquisa acreditam que seu pet ajuda a trazer maior proximidade para seu tutor e sua família.⁷

Em pesquisas conduzidas por Bolin et al, uma análise de múltipla regressão foi utilizada para avaliar a relação entre interações entre humanos e animais, luto conjugal e suporte social, encontrando que enlutados que apresentam um bom

vínculo com seus cães puderam se adaptar de forma mais positiva ao processo de luto que aqueles que não possuíam esse vínculo.¹²

Uma pesquisa conduzida por Thompson & Kim em 2021 avaliou a forma como os animais (cães e gatos) ajudaram homens idosos recém-viúvos a lidar com o luto pela perda de suas esposas, através da aplicação de questionários relacionados a esse processo e análise qualitativa destes dados a partir da Abordagem Fenomenológica Transcendental de Moustakas. Os pets provaram seu valor como uma importante fonte de suporte para esses homens enlutados, tendo os resultados identificado 6 principais temas nos quais os animais estiveram presentes: (a) aproximação e estreitamento dos laços com o pet após a morte de sua esposa; (b) a possibilidade de expressar seu luto através dos pets; (c) os animais de companhia ajudaram os homens psicologicamente durante o luto; (d) os pets foram importantes em momentos nos quais a presença da esposa era valiosa; (e) os animais de companhia ajudaram os homens com a solidão e a realizar novas conexões sociais; (f) os animais auxiliam os homens a encontrar um novo “normal”, auxiliando eles a encontrarem propósito e rotina durante o luto.⁷

4 ENTENDENDO A RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL

Para melhorar a percepção sobre o valor das relações entre humanos e animais, Morley and Fook enfatizam que elas devem ser tratadas como únicas e uma parte normativa da família. Quando esses laços são avaliados por seu próprio mérito e sem a necessidade de uma dicotomização contra as relações entre humanos, o valor da relação entre humanos e animais pode ser apreciado verdadeiramente e reconhecendo os benefícios únicos e verdadeiros que elas podem proporcionar aos humanos, já citados acima neste artigo. A maior particularidade que essas relações podem proporcionar está em seu amor incondicional, uma característica extremamente incomum de se observar em outros tipos de relacionamento.¹³

Para discutir sobre o luto sentido pelos humanos pela perda de seus animais de companhia, estudar a qualidade da relação estabelecida entre o tutor e o animal e o seu laço único é de fundamental importância. Essas relações podem apresentar inúmeras formas e normalmente possuem características em comum com os relacionamentos entre humanos. Muitos compararam a sua relação com seu animal como a de um filho ou um membro da própria família. Essa relação varia com fatores relacionados à proximidade com o animal, o suporte que esse animal fornece ao seu tutor e fatores relacionados ao próprio animal.¹⁴

Para entender esse ponto, é importante discorrer sobre o apego sentido pelo ser humano, com relação ao seu animal de estimação, uma vez que todos os benefícios citados anteriormente e o vínculo a ser estudado entre o indivíduo e o animal dependem desse fator. O apego pode ser definido, como uma tendência dos seres humanos a desenvolver e manter ligações com pessoas específicas, cumprindo uma função biológica que é a sobrevivência da espécie. Apesar de se iniciarem na infância, os comportamentos de apego estarão presentes em toda a existência do indivíduo.¹⁵

No processo de construção das primeiras ligações afetivas, estabelecemos um modo de funcionamento através do qual nos vincularemos a outras pessoas nas demais etapas de nossas vidas, instaurando-se por meio dele nossos senso de segurança e confiança para com outros significativos (desde que aprendemos um modelo seguro de vinculação). O início dessa teoria foi utilizado para estudar o vínculo formado entre pais e filhos, mas é igualmente válido para a compreensão de vínculos entre adultos em geral e com animais de estimação também.¹⁵

As relações com animais de estimação também possuem características de apego, sendo os animais fontes de segurança e objetos de cuidado. Como há nesse vínculo sentimentos de segurança, bem-estar e afeto, a experiência de apego vista na relação tutor-animal pode se assemelhar a um relacionamento com uma pessoa. Diversas pesquisas também apontam a existência de apego dos animais com relação a seus tutores.¹⁶

A qualidade do laço entre o animal é de grande importância e pode se tornar algo muito especial ou inclusive superar as expectativas colocadas pelo tutor para aquela relação. Eventos como a participação do animal como uma forma de suporte emocional primário durante tempos difíceis, a personalidade e características únicas de cada animal e a sua presença em circunstâncias de grande importância para seu tutor são fatos de grande relevância para o fortalecimento dos laços deste vínculo. Assim como em relacionamentos com amigos próximos e familiares, tutores podem encontrar em seus animais formas para solucionar suas necessidades de apego, como suporte emocional e relacional, companhia e suporte para nutrir seu entendimento e desenvolvimento pessoal. Esse tipo de vínculo pode gerar uma relação de interdependência entre os dois lados do elo ou influenciar a vida de ambos de forma significativa. Essa influência pode interferir na forma como esses tutores proporcionam companhia aos seus animais e familiares, na forma como se relacionam com outras pessoas e também oferecer importante suporte emocional ao tutor e outros membros da família em momentos de dificuldades. Em alguns casos, a importância desses efeitos só podem ser notados após a morte do animal.⁵

O vínculo tutor-animal pode se tornar tão forte a ponto de haver a construção de uma intuição entre eles, sendo possível sua comunicação sem a necessidade do uso de palavras. Essa comunicação é importante e permite ao animal demonstrar quando é necessária atenção do tutor para si, demonstrar suas necessidades ou mesmo comunicar algo importante, como necessidades específicas de saúde ao tutor. Alguns tutores também referem que seus animais de companhia eram capazes de sentir quando coisas estavam erradas em suas vidas, como a presença de problemas físicos e os ajudá-los a se sentirem melhores.⁵

Devido a esse intenso vínculo criado com o animal de companhia, quando a morte ocorre, pode haver um período de luto resultante daqueles que experienciam esse vínculo único. O processo de perda é uma grande experiência emocional para um indivíduo que possui um impacto no sistema familiar, sendo que determinadas

circunstâncias que circundam a perda ou relacionadas a esse processo podem tornar o processo de luto mais difícil, como perdas inesperadas ou indesejadas, ou a ocorrência de outros eventos estressantes de vida. Muitos indivíduos interpretam essa experiência reconhecendo suas próprias expectativas no dado momento de vida e realizando comparações a outros eventos de perda em sua vida, principalmente a de relacionamentos humanos.¹⁵

5 O LUTO PELA PERDA DE ANIMAIS DE COMPANHIA

Levando em conta todos os benefícios acima listados, não é de se surpreender que os animais de companhia sejam extremamente populares e tidos em alta conta. Isso é refletido nas porcentagens de casas que possuem animais nos Estados Unidos, com cerca de 36,5% possuindo cães, 20,4% gatos, 3,1% pássaros e 1,5% cavalos, além de estes serem comumente enxergados como membros da família. Esse fenômeno pode ser facilmente observado pela utilização de serviços de memoriais e covas em cemitérios pet, disponibilidade de serviços de cremação particular e referimentos de animais de companhia para outros membros da família em casos de óbitos de seus tutores. Esta perspectiva é ainda validada através da incorporação de animais de companhia na literatura central de estudos familiares como parte do processo familiar normal, sendo identificados como sendo parte integral no sistema de suporte familiar, numa base diária e em tempos de crises e perdas familiares.⁵

Uma consequência potencialmente importante da integração dos animais de companhia como membros de uma família é o nível de apego emocional ao animal, que pode ser similar ao experienciado por outros membros da família. Pesquisas recentes validaram que o estilo de apego entre adultos pode ser replicado para suas relações com os animais, apresentando estas pessoas conexões tão fortes com seus animais e uma intensidade de relacionamento tão grande que pode ser comparada à de outros humanos dentro da própria família.¹⁶ Possuir relações de grande apego são importantes e saudáveis para humanos, porém, uma dificuldade desse tipo de relacionamento com animais está ligado às diferentes estimativas de vida presentes entre as espécies envolvidas nessa relação (principalmente quando falamos sobre cães e gatos), nas quais o humano normalmente possuirá uma sobrevida maior que seus animais de companhia por uma grande margem, com a expectativa de vida de cães sendo aproximadamente de 8 a 16 anos (dependendo da raça) e de gatos de 12 a 20 anos, dependendo de fenômenos como seus cuidados à saúde, comportamento, dieta, genética, entre outros.¹⁷

Dessa forma, ao mesmo tempo que a tutoria de um animal de companhia pode ser benéfica, há também situações na quais pode haver perdas no atributo social relacionado à interação entre homens e animais, as quais também podem afetar os atributos psicológicos e fisiológicos humanos. A perda de um animal de

companhia pode contribuir para depressão e perda de suporte social, tendo um impacto negativo na saúde humana.¹

Dessa forma, o processo de luto pode também ocorrer dentro de uma relação tutor-animal. O luto pode ser definido como um conjunto de respostas físicas, emocionais e comportamentais frente à perda significativa para um indivíduo, podendo essa perda ser simbólica ou concreta, trazendo medo, tristeza, ruptura e desorganização psíquica. É fundamental que se vivencie o luto para que possa haver uma nova harmonia psíquica após uma perda importante, bem como para que ocorra a reestruturação da vida sem uma determinada presença significativa.¹⁸

Outras definições de luto também foram estudadas, como a proposta por Bowlby, o definindo como uma forma de ansiedade de separação na qual estão presentes o protesto e a procura pelo objeto perdido, podendo ser dividido em 4 fases: entorpecimento (choque e não aceitação, interrompida por acessos intensos de consternação ou raiva), anseio e saudade (busca pela pessoa perdida; têm-se a consciência da morte, mas ocorrem momentos de desorganização sobre esse fato; a pessoa pode ser acometida por intensa raiva por não conseguir reaver a perda); desorganização e desespero (apatia, depressão, isolamento e perda do desejo pela vida social) e reorganização (aceitação da perda, sem que haja esquecimento desse fato, mas sim uma readaptação ao mundo sem a presença física do ente falecido, ocorrendo a resignificação do falecido no contexto da vida do enlutado).¹⁹

A vivência do luto é caracterizada por uma singularidade dependente do indivíduo que o experiencia, porém é possível observar na maior parte dos casos as fases e características do luto dispostas acima, sendo determinado como um processo psicológico distinto. Além disso, sua divisão em fases está apenas ligada à didática de seu entendimento, pois se trata de um processo dinâmico, determinado por distintos aspectos da vida do indivíduo.¹⁵

Passar pelo luto implica a realização de tarefas inerentes a esse processo de organização psíquica. Dentre estas tarefas, a aceitação da realidade da perda, processar a dor do luto, ajustar-se ao mundo e adaptar-se a viver nele sem a pessoa/animal falecido e reposicionar simbolicamente o falecido, estabelecendo com ele uma conexão duradoura (sem haver um impedimento pelo estabelecimento de novos afetos e interesses), são citadas como as 4 principais tarefas. Dessa forma, o indivíduo não atravessa o luto, mas age e trabalha para retomar sua autoconfiança e renovar sua energia vital seguindo em frente.¹⁵

A marginalização da relação humano-animal é normalmente baseada na crença de que relacionamentos com animais são inferiores aos criados com humanos. Por esse motivo, o luto pela perda de um animal pode não ser validado pela sociedade, por conta de uma inferioridade relacionada ao tipo de relacionamento. Isso pode ocorrer porque o enlutado pode acreditar que outras pessoas não serão receptivas e acolhedoras sobre este tipo de perda ou através da ação inadequada ou desencorajadora de outras pessoas perante o luto pela perda do animal.¹³

Por esse motivo, o entendimento do processo de luto envolvido nesse tipo de relacionamento deve ser estudado, havendo grande importância atribuída a estudos qualitativos na área, os quais podem providenciar descrições robustas sobre as experiências de luto dos tutores de animais de companhia. Esse tipo de pesquisa facilita o alcance de empatia para com essas pessoas e é um método empírico de descrição das perspectivas de outros. Os resultados podem ser benéficos e podem auxiliar a iluminar a saliência dos relacionamentos entre humanos e animais e a importância da sua perda, podendo auxiliar médicos veterinários e outros profissionais da saúde a entender melhor o processo de luto experienciado pelo seu cliente.⁵

O luto experienciado pelo enlutado pode se tornar um tipo de “Luto Não Reconhecido”, o qual ocorre a experiência de perda não encontra reconhecimento, é trivializada ou patologizada socialmente perante o enlutado, podendo levar a uma complicaçāo do processo de luto. A consciência social perante este problema parece estar aumentando, à medida que há um aumento no número de cartas de condolências pela perda de animais de companhia e do suporte online através das redes sociais. No entanto, na literatura especializada, a relação entre humanos e animais ainda enfrenta barreiras para sua devida normalização e respeito, sendo considerada por muitos ainda inferiorizada, havendo grande campo para melhorar e muito trabalho a ser realizado para sua merecida valorização. Exemplos desse cenário podem ser vistos quando pessoas presumem que adultos desenvolvem relações com animais na impossibilidade de construir novos relacionamentos com humanos, sugerindo uma normatividade guiando este cenário, na qual as interações entre humanos prevalecem às interações entre humanos e animais.¹⁷

Para melhorar a percepção sobre o valor das relações entre humanos e animais, Morley and Fook enfatizam que elas devem ser tratadas como únicas e

uma parte normativa da família. Quando esses laços são avaliados por seu próprio mérito e sem a necessidade de uma dicotomização contra as relações entre humanos, o valor da relação entre humanos e animais pode ser apreciado verdadeiramente e reconhecendo os benefícios únicos e verdadeiros que elas podem proporcionar aos humanos, já citados acima neste artigo. A maior particularidade que essas relações podem proporcionar está em seu amor incondicional, uma característica extremamente incomum de se observar em outros tipos de relacionamento.¹³

Estudos específicos e voltados para o campo veterinário indicam que quanto mais profundo o vínculo com o animal de companhia, mais complicado será o processo de luto e a sua adaptação na vida após a morte de seu animal. Mais especificamente, laços emocionais profundos, baixo suporte social, a presença de outros estressores no momento da morte e pessoas que moram sozinhas ou com apenas um parceiro podem apresentar uma transição mais difícil após a perda. Vínculos nos quais o animal de companhia é tido como um membro da família podem indicar um elo de ligação entre o tutor e o animal mais profundos.²⁰ Pesquisas indicam que a perda de uma criança pode ser sentida com mais intensidade que a perda de outros seres humanos, principalmente porque o papel de um “pai” ou uma “mãe” contribui em grande parte para a identidade central de um indivíduo e para a sua sensação de propósito. Dessa forma, a depender do tipo de vínculo estabelecido entre o tutor e o animal, sua perda pode se assimilar à perda de um filho e se torna mais difícil.²¹

A maneira como ocorreu a morte do animal também pode influenciar no sentimento de enlutamento. Mortes inesperadas ou ambíguas podem gerar maior vulnerabilidade sobre os entes da família para um processo de luto complicado e prolongado.²²

Após a perda, os impactos emocionais sentidos variam entre indivíduos, mas comumente se manifestam através da tristeza e impossibilidade de lidar com a situação. Alguns indivíduos necessitam de espaço e tempo para absorver a notícia e iniciar o processo de cura. O sentimento de ausência física do animal é comum e pode agravar os sentimentos mencionados.¹⁵ Em casos de eutanásia, pode ocorrer o arrependimento pela aprovação do procedimento, mesmo que o tutor saiba, em seu interior, que o procedimento foi a melhor escolha pensando na qualidade de vida de seu animal no dado momento. A duração desse processo de luto é variada,

porém trabalhos realizados apontam que entrevistados que realizaram a eutanásia de seus animais ainda apresentaram emoções ao se lembrarem deles por meses após sua perda.²³

Em alguns casos, o sentimento de perda não é único e específico ao indivíduo identificado como tutor do animal, mas pode representar um evento sistêmico, que afeta mais de um indivíduo específico. Membros da família, pessoas mais próximas como o parceiro do tutor e até mesmo outros animais envolvidos no ambiente familiar, também sentem o sentimento de perda.⁵

As diferenças de expectativa de vida entre humanos e animais podem agravar os sentimentos de perda. Muitos tutores tendem a humanizar seus animais, relacionando-os principalmente a crianças. Num sistema familiar, o acontecimento mais comum seria o de seus filhos serem os responsáveis por enterrarem seus pais, no entanto, como os pets são comumente associados a crianças, para algumas pessoas isso pode apresentar um grande impacto e um senso de “injustiça” na situação, muito embora as pessoas possuam conhecimento de que sua expectativa de vida é maior que a de seus animais.²¹

Sendo assim, a forma como o enlutado se define com relação ao ente falecido também influencia o seu processo de luto, sendo este um importante processo de reajuste e reorientação na realidade de um novo mundo sem o ente falecido. Esse período de reajuste relacional pode influenciar o enlutado emocionalmente, socialmente, cognitivamente, espiritualmente e estruturalmente, permitindo uma conexão vitalícia e evolutiva com o falecido. Nesse sentido, o entendimento sobre o vínculo estabelecido na relação humano-animal se faz de grande importância para melhor compreensão deste sentimento.⁵

Outros sentimentos podem representar complicações ainda maiores do processo de perda, como por exemplo, a associação de um animal a um dado parente ou amigo falecido, ou o falecimento de outros entes queridos da família em momentos próximos à perda do animal em questão. Por exemplo, a morte de um cão herdado após a morte da mãe de um determinado tutor pode representar uma complicação do processo de perda e luto dessa pessoa, pois o animal exposto na situação representava ainda um vínculo da relação deste tutor com sua mãe.²⁰ Complicações financeiras também são expostas, como a dificuldade de pagar por um tratamento adequado e que poderia ter feito a diferença na vida do paciente, ou até mesmo a dificuldade financeira no acesso de serviços de enterro ou cremação

de seus animais, tornando a despedida mais difícil. Mortes que ocorrem próximas a datas comemorativas e feriados podem se tornar mais facilmente marcadas na memória daqueles que perdem seus animais de estimação, devido à periodicidade experienciada.⁵

A decisão por um procedimento de eutanásia pode ser um fator estressor significativo para a maneira como o tutor do paciente irá lidar com o luto, podendo contribuir para a intensidade da experiência de perda. Possivelmente, a intensidade dos sintomas do luto nesses casos possam depender de quem foi o responsável pela decisão de eutanásia.²³

Lidar com o luto pode ser uma experiência extremamente desafiadora e única para cada indivíduo específico. Cada indivíduo apresenta perspectivas únicas e relacionadas aos seus aspectos culturais e religiosos sobre a vida, a morte, o luto e a cura, sendo muito específico para cada pessoa diferente. Determinados grupos de pessoas (divididos por atributos como idade e gênero, por exemplo) podem experenciar determinados tipos de sentimentos em comum, porém sempre deve-se lembrar de não os ter como regra, afinal cada pessoa é única.⁵

A população idosa ganha grande destaque nesse sentido. Por exemplo, em 2011 nos Estados Unidos, os baby boomers começaram a fazer 65 anos de idade, representando um importante aumento da população de idosos do país. Dessa forma, o envelhecimento constante da população levará a um aumento substancial dessa população de idosos, a qual será o dobro da estimativa do ano de 2012 em 2050, com cerca de 83,7 milhões de pessoas.²⁴ Dessa forma, é essencial que haja um foco nos fatores benéficos que possam ajudar pessoas mais velhas a lidarem com o luto, pois este grupo possui um rápido crescimento demográfico e a solidão pode se tornar um importante problema de saúde pública nos Estados Unidos dentro dessa população.⁷

Quando as pessoas se tornam mais velhas, a probabilidade de possuírem perdas aumenta, podendo estas incluir perdas de saúde, mobilidade, status social e vida de pessoas importantes como família e amigos. Os efeitos do luto podem ser maiores quando a pessoa afetada perde seu parceiro de vida, podendo levar a pessoa a apresentar falta de motivação para contatar outros e escolher a reclusão social como forma de lidar com o momento. A solidão pode causar efeitos detinrentais sobre a saúde do afetado, incluindo a morte precoce e o adoecimento dessas pessoas. Isso pode ocorrer devido à correlação da solidão com a perda de

sono, risco de saúde cardiovascular, aumento da pressão sanguínea e dos níveis de cortisol.²⁵

A população de idosos em luto pode enfrentar alterações de vida ligadas aos âmbitos psicológicos, físicos e sociais, levando à renegociação de sua identidade. A tarefa importante a ser checada nessa parte do ciclo de vida pode estar relacionada à aceitação da morte de alguém, refletindo sua vida e legado, buscando evitar a depressão enquanto passam a se tornar dependentes de outros indivíduos. Além disso, a capacidade de um indivíduo em navegar e completar uma tarefa específica relacionada à mortalidade ou agravamento do estado de saúde de um ente amado, completar esta tarefa e realizar a transição para seu próximo estágio pode envolver uma maior dificuldade. Encontrar estabilidade após uma grande perda pode necessitar de grande esforço, tempo e energia psicológica. Quando as pessoas envelhecem, elas expericiam cada vez mais perdas num período de tempo mais curto que qualquer outro grupo etário.⁷

Durante o processo de luto em pessoas idosas, os campos físicos e psicológicos da saúde mostram declínios após a morte de um ente amado. Pessoas viúvas mostram mais sintomas de depressão após a morte de seu parceiro. Além disso, quando a saúde de uma pessoa idosa é afetada de alguma forma, esse grupo de pessoas possui mais dificuldade em manter compromissos sociais. Dessa forma, a deterioração da saúde de um indivíduo pode impedir que ela realize suas atividades normalmente, inclusive sair de casa para se encontrar com seus familiares e amigos.²⁶

De forma geral, a morte de um animal não deve ser entendida como algo para se “superar” ou “encontrar um fim”, sendo essa mentalidade associada a uma maior complexidade do processo de luto. Os estágios do luto, inicialmente criados para servirem como uma forma de entendimento do processo de antecipar a morte evidente de um ente querido são rotineiramente aplicados às diferentes perdas e podem conter a percepção de que esses relacionamentos prévios necessitam de uma resolução e eventualmente de uma superação. A aplicação dos estágios do luto estão sendo substituídas mais recentemente por uma nova literatura que indica a continuidade dos laços criados após a morte de um animal de estimação.⁵ Dessa forma, a morte ou perda não devem ser encarados como uma coisa a ser resolvida, mas sim um momento no qual um novo nível de relacionamento é alcançado. Dessa forma, o suporte de outras pessoas parece ser a melhor forma de validar a

importância e saliência do relacionamento tutor-animal e a existência de um laço contínuo que vai muito além da morte.¹⁵

6 O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO NA JORNADA DO LUTO

O suporte e o cuidado oferecidos pelo médico veterinário representam um importante papel nesse período, sendo extremamente importante para a preparação e para fornecer às pessoas mecanismos para melhor lidar com esse processo de luto. Dessa forma, após apresentar as diferentes formas na qual o luto pode ocorrer e como esse luto pode se tornar complicado, cabe informar como o médico veterinário pode ajudar de forma eficaz dentro do processo de luto, principalmente quando o enfoque é nos cuidados paliativos.⁵

Muitas pessoas ainda associam os cuidados paliativos ao cuidado de pacientes com câncer terminal, porém não associam que ele pode possuir amplos benefícios para muitos cenários de doença. Muitas vezes, esse tipo de cuidado é retardado para as últimas semanas ou dias de vida do paciente, quando os tratamentos focados na doença já não são mais eficazes. No entanto, quando esses cuidados são incorporados de forma tardia, pode-se perder uma oportunidade para se fazer o melhor pelo paciente, sua família e os sistemas de saúde. Em países desenvolvidos, 80% das pessoas que morrem poderiam ser beneficiadas pela instauração precoce dos cuidados paliativos em seu plano terapêutico.²⁷

Segundo definição da World Health Organization (WHO) em 2014, os cuidados paliativos deveriam ser considerados como uma opção terapêutica de importância desde o momento do diagnóstico e integrado ao cuidado para pessoas que apresentam condições de saúde que podem levar à sua morte num futuro próximo.²⁸

Os cuidados paliativos são importantes em muitas escalas para o manejo de doenças que são terminais ou que podem representar um risco de vida ao paciente, visando o apoiar em suas diversas escalas de sofrimento presentes nesse momento. A especialidade visa reconhecer que cada paciente apresenta sua história, cultura e religiosidade, não havendo uma única forma de cuidado, devendo-se levar em consideração o paciente, sua doença e todo o contexto geral no qual ele se encontra.²⁹

Dessa forma, quando a morte ocorre, não há forma única de se comportar durante a perda de um paciente, sendo necessário se manter um bom observador, ouvinte e estar disponível para se moldar as diferentes informações captadas. Reconhecer a morte e oferecer ao tutor suporte, seja através de suas condolências, acompanhamento da equipe durante o processo ou até mesmo durante a eutanásia

quando indicada, ou pela memorialização de seu animal podem auxiliar durante o processo. Nos casos em que a eutanásia pode ser uma recomendação válida, a identificação do melhor momento para sua realização também pode ser informada por esse profissional.⁵

A seguir, serão discorridos tópicos que podem auxiliar na melhor compreensão do papel do médico veterinário na jornada do luto, por meio dos cuidados paliativos:

A. O CUIDADO PALIATIVO

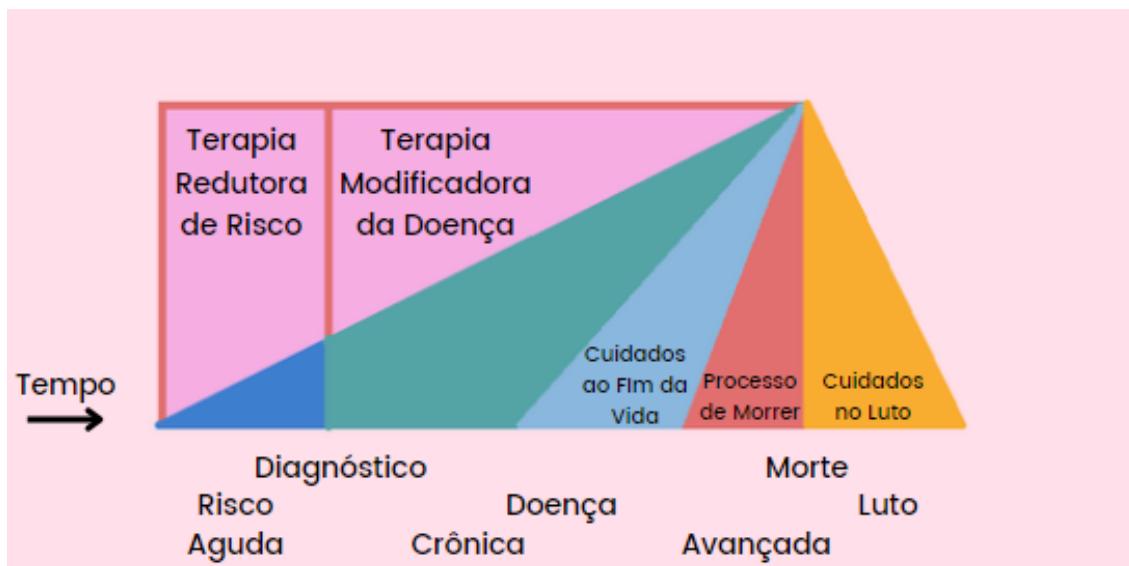
De acordo com a WHO, revista em 2002, o “Cuidado Paliativo é uma abordagem que promove a qualidade de vida de pacientes e seus familiares, que enfrentam doenças que ameacem a continuidade da vida, através da prevenção e alívio do sofrimento. Requer a identificação precoce, avaliação e tratamento da dor e outros problemas de natureza física, psicossocial e espiritual”.³⁰

Essa especialidade médica possui diversos princípios, estando eles ligados à promoção do alívio da dor e outros sintomas desagradáveis, prevenção de ocorrência de novos problemas de saúde, melhora da qualidade de vida, provocando um impacto positivo sob o curso da doença do paciente, integração de aspectos psicossociais e espirituais a estes cuidados, oferecimento de suporte multiprofissional - atendendo às diversas necessidades dos paciente e familiares incluindo o processo de luto -, não influenciar sobre o processo natural de morte, auxiliar na lida com medos, expectativas, necessidades e esperanças do paciente e família, um início precoce de acompanhamento e o preparo do paciente e família para a autodeterminação no manejo do final da vida.³⁰

Ao longo do tratamento do paciente, os cuidados paliativos podem estar presentes em diferentes aspectos, apresentando, idealmente, um início relacionado à terapia redutora de risco da doença (ligada a um benefício potencial para pessoas em risco, previamente ao diagnóstico). A partir do diagnóstico, o profissional pode auxiliar na doença aguda e crônica através de terapias modificadoras da doença, sempre levando em consideração os cuidados ao fim da vida do paciente, a partir do momento no qual se tem a cronificação da doença. Quando não se há mais potencial para a realização de terapias modificadoras da doença do paciente, os cuidados paliativos auxiliam nas últimas horas de vida do paciente em um momento no qual a doença apresenta avançada capacidade ameaçadora de vida, até o

momento da morte do paciente. Ao final desse processo, é imprescindível que o profissional preste os cuidados relacionados ao luto da família, até o momento no qual ele pode ser capaz de intervir. O processo acima descrito está esquematizado através da figura 1.³¹

Figura 1: benefício potencial dos cuidados paliativos para os pacientes em relação ao momento da doença.

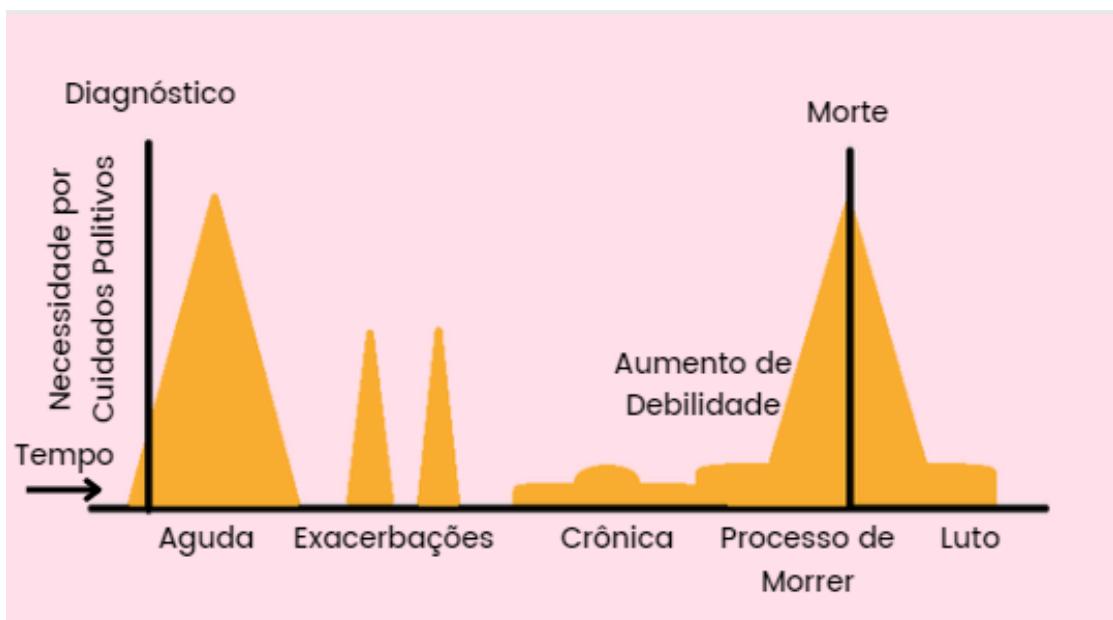


Fonte: adaptado de Comissão Permanente de Cuidados Paliativos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Vamos falar de Cuidados Paliativos, 2014.

Durante o processo, a necessidade do paciente pela prestação de cuidados paliativos varia de acordo com a curva de evolução da doença. Durante a fase de doença aguda (presente usualmente em seu diagnóstico) e em seus picos de exacerbação que podem ocorrer quando enfrentamos determinadas situações, a demanda do paciente pelo serviço se torna maior. Quando há a cronificação do processo de doença, usualmente há menor necessidade e maior estabilidade da demanda por cuidado do paciente. No entanto, com a evolução da progressão, aumento da debilidade e queda de funcionalidade do paciente, a necessidade por esses cuidados aumentam gradativamente ao longo de seus últimos dias de vida até o dia de sua morte. Após a morte, é importante ressaltar a participação do profissional em medidas de pós-venção em relação ao luto, no qual a demanda da família pelo profissional ainda existe e deve ser reconhecida. É importante lembrar

que os níveis de demanda variam de acordo com as peculiaridades de cada doença e as demandas específicas por parte do paciente.³¹

Figura 2: variação de necessidade de cuidados paliativos



Fonte: adaptado de Comissão Permanente de Cuidados Paliativos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Vamos falar de Cuidados Paliativos, 2014.

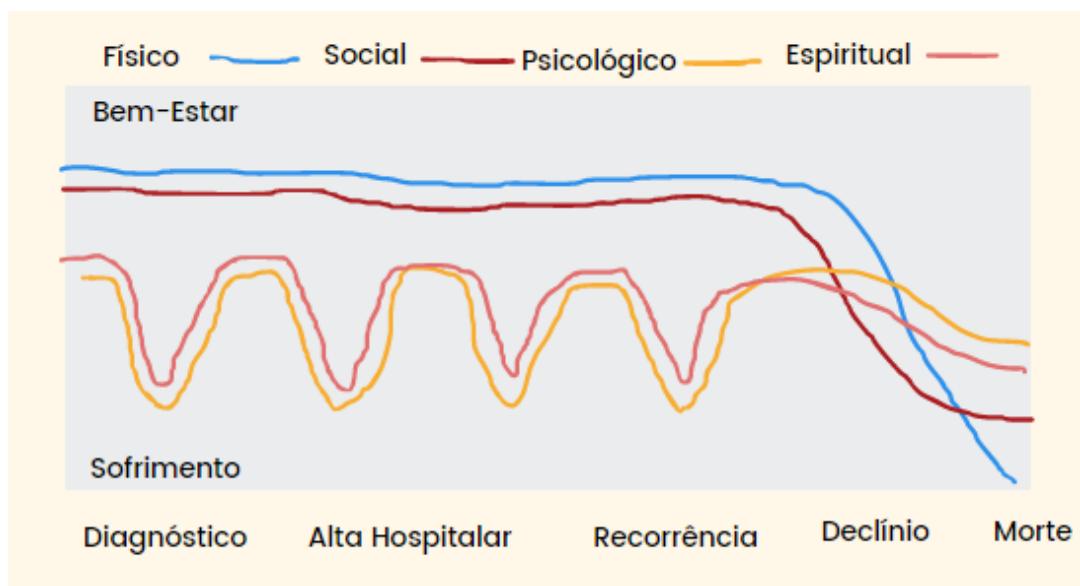
B. AVALIANDO A FUNCIONALIDADE DO PACIENTE

Quando pensamos na instauração precoce dos cuidados paliativos ao protocolo terapêutico, deve-se ter em conta o contexto do paciente como um todo, seu grau de funcionalidade e sua qualidade de vida. Quando se pensa nos diferentes tipos de evolução das doenças presentes nos animais domésticos, pode-se dividi-las em três principais tipos de declínio de função observados, relacionados à sua evolução e o processo de morte do paciente. São eles o rápido, o intermitente e o gradual.³²

No declínio de função rápido, o nível de função social tipicamente entra em declínio paralelamente ao declínio físico, enquanto que o funcionamento psicológico e espiritual declinam juntos em 4 momentos principais: o momento do diagnóstico, no momento de alta após o tratamento inicial, durante a progressão da doença e na fase terminal. As famílias usualmente referem o momento do diagnóstico como o mais traumático, psicologicamente e existencialmente, com piora do turbilhão emocional enquanto a doença progride. Nesse tipo de doença, o declínio da

funcionalidade ocorre em um curto e evidente período. Um exemplo de doença com esse tipo de comportamento é o câncer.³³ Esses pacientes podem ser beneficiados com terapia holística e suporte, além da necessidade de haver um plano de cuidado bem encabeçado, embora eles possam estar bem em um momento inicial fisicamente. Situações que podem indicar a necessidade de revisão do protocolo paliativo incluem alta do hospital após o tratamento inicial, sintomas descontrolados, queda de performance e outras evidências clínicas de progressão da doença.²⁹

Figura 3: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de rápido declínio funcional.

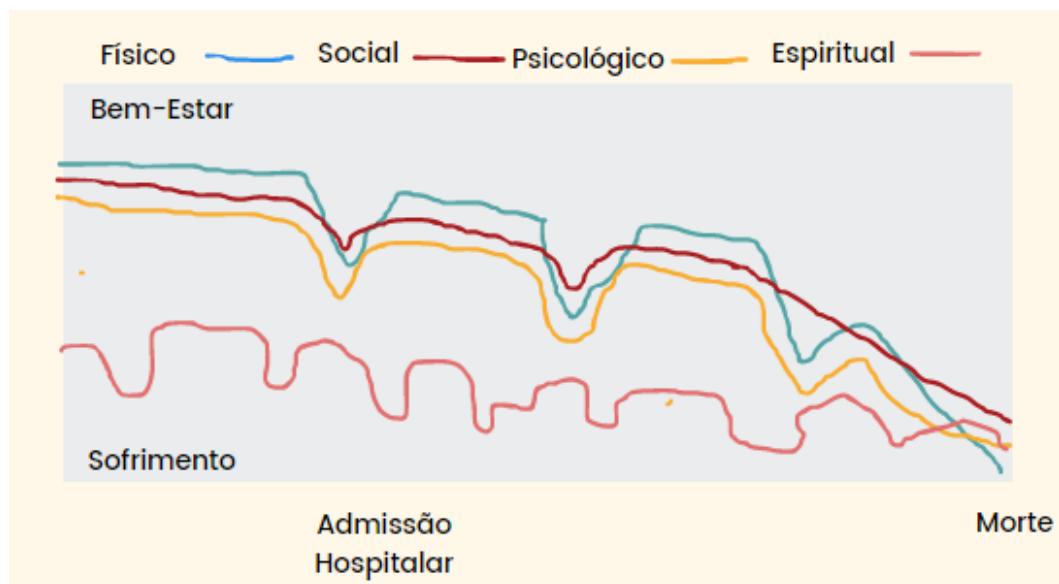


Fonte: adaptado de Murray AS, Kendall M, Mitchell G, Moine S, Amblàs-Novellas J, Boyd K. Palliative care from diagnosis to death. BMJ; 2017;356:j878:1-5.

Para pacientes que apresentam condições limitantes de vida, doenças crônicas de longa evolução ou múltiplas doenças, o padrão dinâmico quadridimensional observado em doenças de evolução rápida é diferente. Declínios psicológicos e sociais tendem a seguir o declínio físico, enquanto que o sofrimento espiritual flutua durante a evolução e é modulado por outras influências, incluindo a capacidade da família a se manter resiliente. Nesse tipo de doença, os pacientes podem morrer em picos de exacerbação dos sintomas ou enquanto a funcionalidade ainda é relativamente satisfatória, dessa forma, a morte pode ocorrer de forma inesperada, apesar de que o risco desse acontecimento pode ter sido previsto há muitos anos. São exemplos desse tipo de doença a insuficiência cardíaca,

insuficiência hepática e doença pulmonar obstrutiva crônica.³⁴ Durante os períodos de exacerbação dos sintomas, é comum que os familiares apresentem ansiedade, necessidade de informações e podem apresentar outros problemas sociais. Oferecer suporte para essas necessidades pode reduzir a necessidade de internações hospitalares, possibilitando intervenções que foquem no manejo da doença e bem-estar físico, principalmente quando o paciente apresenta múltiplas doenças. O planejamento para exacerbações nesses casos deve incluir lidar com necessidades multidimensionais e uma comunicação frequente de planos e desejos da família regularmente e rotineiramente, facilitando o manejo da doença durante e após suas crises.³⁵

Figura 4: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de declínio funcional intermitente.

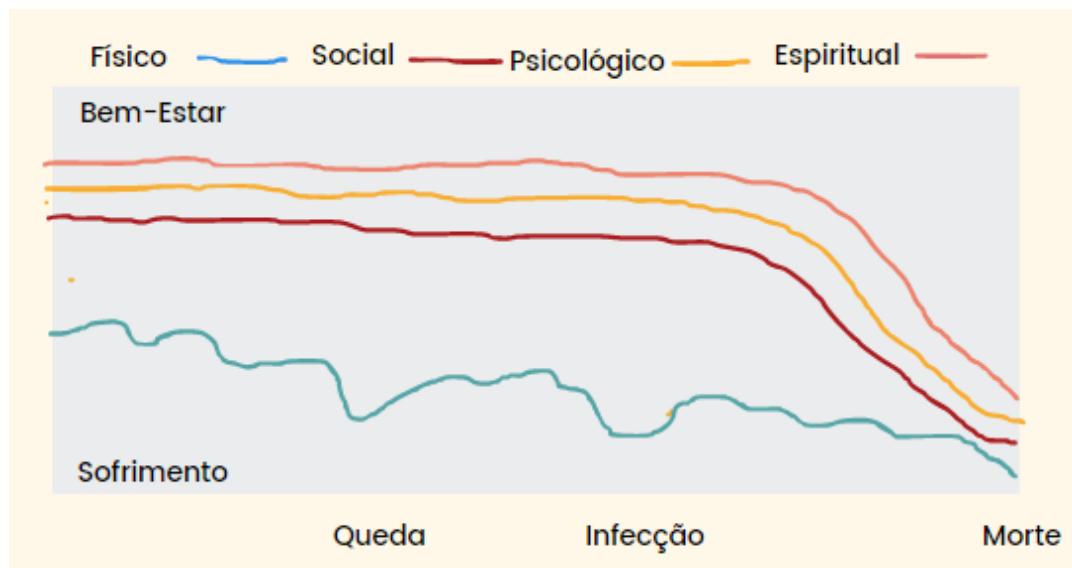


Fonte: adaptado de Murray AS, Kendall M, Mitchell G, Moine S, Amblàs-Novellas J, Boyd K. Palliative care from diagnosis to death. BMJ; 2017;356:j878:1-5.

Pacientes que apresentam debilidade, demência ou doenças neurológicas progressivas, incluindo aqueles que apresentam sequelas de infartos a longos tempos, tipicamente experienciam um declínio físico gradual, a partir de uma linha de base limitada e um mundo social em redução. O bem-estar psicológico e existencial pode ser prejudicado por circunstâncias sociais ou doenças físicas agudas. Dessa forma, uma redução da funcionalidade social, psicológica e do bem-estar existencial podem anunciar um declínio físico ou a morte.³⁶ Nesses casos,

ações que promovam uma saúde física ótima devem ser combinadas com o auxílio no engajamento de atividades sociais e de cuidado, podendo auxiliar na manutenção do sentimento de propósito e aumentar a sua independência. Antecipar e planejar para uma possível deterioração da saúde pode reduzir o sofrimento ocasionado por essas situações, auxiliando no entendimento do paciente e da família sobre um conhecimento realístico sobre o processo de envelhecimento e como a morte pode ocorrer no final de uma longa vida. Pacientes com demência precoce ou doenças neurológicas progressivas necessitam de cuidados paliativos holísticos e suporte para o planejamento após o diagnóstico.²⁹

Figura 5: trajetórias do bem-estar em pacientes diagnosticados com condições de declínio funcional gradual



Fonte: adaptado de Murray AS, Kendall M, Mitchell G, Moine S, Amblàs-Novellas J, Boyd K. Palliative care from diagnosis to death. BMJ; 2017;356:j878:1-5.

Para auxiliar os paliativistas a melhor entender alterações na funcionalidade do paciente, escalas que avaliam a funcionalidade foram desenvolvidas, sendo a principal utilizada a escala PPS, a qual varia entre 100% (máxima atividade funcional) e 0% (indica morte). Em qualquer uma das classificações, existe a necessidade de gerenciamento dos sintomas apresentados pelo indivíduo e as demandas trazidas pelo paciente e sua família. A escala avalia diversas atividades exercidas pelo paciente, escalonando sua função da mais importante (posicionada à esquerda da tabela), para a menos importante (posicionada à direita da tabela) na

determinação da funcionalidade. Em ordem de escalonamento similar à da tabela, as atividades por ela descritas incluem deambulação, atividade/evidência de doença, autocuidado, ingestão e nível de consciência. A partir da avaliação destes fatores, é possível obter a pontuação em percentagem para o paciente. A escala de PPS deve levar em consideração o tipo de doença apresentada pelo paciente.³⁰ Segue a tabela que resume a escala PPS abaixo:

Tabela 1: Escala de Performance Paliativa (PPS) Versão 2

Pontuação	Deambulação	Evidência de Doença	Autocuidado	Ingestão	Nível de Consciência
100%	Completa	Atividade normal; Sem evidência	Completo	Normal	Completa
90%	Completa	Atividade normal; Alguma evidência	Completo	Normal	Completa
80%	Completa	Atividade normal com esforço; Alguma evidência	Completo	Normal ou Reduzida	Completa
70%	Reduzida	Incapaz para o trabalho; Doença significativa	Completo	Normal ou Reduzida	Completa
60%	Reduzida	Incapaz para Hobbies; Doença significativa	Assistência Ocasional	Normal ou Reduzida	Completa com períodos de confusão
50%	Maior parte sentado ou deitado	Incapaz para qualquer trabalho; Doença extensa	Assistência Considerável	Normal ou Reduzida	Completa com períodos de confusão
40%	Maior parte acamado	Incapaz para maioria das atividades; Doença extensa	Assistência Quase Completa	Normal ou Reduzida	Completa ou Sonolência
30%	Totalmente acamado	Incapaz para qualquer atividade; Doença extensa	Dependência Completa	Normal ou Reduzida	Completa ou Sonolência
20%	Totalmente acamado	Incapaz para qualquer atividade; Doença extensa	Dependência Completa	Minima a pequenos goles	Completa ou Sonolência
10%	Totalmente acamado	Incapaz para qualquer atividade; Doença extensa	Dependência Completa	Cuidados com a boca	Completa ou Sonolência
0%	Morte	-	-	-	-

Fonte: adaptado de Souza LA, Souza TM, Junqueira LCFL Cuidados Paliativos. Taís Marina de Souza, Brasília: SE/UNA-SUS, 2017. Livro digital.

Dessa forma, entender que determinadas condições de saúde podem levar a deterioração da funcionalidade do paciente e à sua eventual necessidade de acompanhamento pelo paliativismo, ponderando a necessidade do paciente e da

família para tais cuidados em momentos de gatilhos como internações não planejadas, difícil controle de sintomas ou aumento da necessidade de um cuidador. Conversas sobre essa temática podem ocorrer em revisões de tratamento, admissões e altas hospitalares ou em consultas de rotinas para pacientes de idades avançadas. Tomar essa ação anteriormente às semanas ou dias finais de vida significa aceitar a incerteza de um determinado prognóstico, ao invés de confiar em ferramentas para predição de mortalidade que não funcionam para indivíduos únicos.²⁹

A integração dos cuidados paliativos ao manejo em andamento da doença é uma opção fundamental para permitir a instituição precoce do tratamento paliativo. Dessa forma, estar aberto ao diálogo e planejamento em equipe deve ocorrer nas comunidades, hospitais e enfermarias. Todos os profissionais envolvidos no tratamento do paciente devem ser incluídos em seu planejamento terapêutico, de forma a tornar possível a agregação do cuidado. Considerando cada dimensão do cuidado, o paliativismo pode promover ações mais generosas e mais realísticas sobre a medicina, prevenindo a realização de tratamentos desnecessários ao paciente.²⁹

C. A COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE E DE MÁS NOTÍCIAS

O fornecimento de constantes atualizações e informações claras a respeito do quadro de saúde do animal, suporte e a reafirmação sobre o quadro e decisões terapêuticas tomadas em conjunto com a família são de grande validade para o processo. Introduzir a temática do paliativismo de forma sensível, explicando sobre quais são as opções para o futuro, as ferramentas terapêuticas disponíveis e a incerteza relacionada às doenças limitantes de vida são de grande valia para sugerir essa opção. O profissional pode auxiliar na comunicação e orientação da família, indicando aspectos claros sobre a qualidade de vida do paciente e guiando a comunicação humano-animal durante o processo de saúde e doença, bem como de falecimento. Os cuidados paliativos podem melhorar a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias pela identificação temporal da deterioração do estado de saúde, verificação holística de suas necessidades, controle de dor e outros problemas, sejam de ordem física, psicossocial ou espiritual, num tipo de cuidado centrado no paciente.²⁹

Não somente o conhecimento técnico e referente à saúde do animal devem ser fornecidos pelo médico veterinário. O tratamento digno, humanizado e repleto de amor, zelo e simpatia oferecido por toda a equipe que atende o paciente é de fundamental importância para o processo de fim de vida de um indivíduo. Da mesma forma como um atendimento veterinário de qualidade e que ofereça suporte adequado durante o processo são importantes para auxiliar durante o processo de luto, um atendimento limitado ou a ação incorreta do profissional também podem dificultar esse processo. Pesquisas revelam que tutores atendidos por veterinários que limitavam seu paciente à sua doença e não ofereciam os cuidados adequados ao paciente, ou até mesmo aqueles que não demonstraram conhecimento e experiência adequada para lidar com a situação podem ter impacto no desenvolvimento de sentimentos ruins relacionados ao atendimento e dificultar o processo de luto.⁵

A comunicação de más notícias, sejam relacionadas ao momento do diagnóstico do paciente ou relacionadas a alterações do quadro que possam vir a surgir durante o processo de acompanhamento e tratamento do paciente se fazem de grande importância.²⁹

Más notícias podem ser entendidas como Informações que incluem notícias sérias e que podem alterar o curso de vida de um indivíduo, resultando em respostas cognitivas, comportamentais e emocionais persistentes. Podem estar relacionadas a momentos como o diagnóstico de doenças crônicas (como determinados tumores, a Diabetes Mellitus, doença renal crônica, dentre outras), alterações do estilo de vida decorrentes dessas doenças ou até mesmo a injúrias que possam alterar o estilo de vida do paciente (como ocorre em determinadas doenças ortopédicas).³⁷

Já a comunicação se trata essencialmente de um processo que reflete uma necessidade humana básica, sendo essa responsável pela determinação e efetuação da área expressiva de assistência a um paciente, sendo um fator de grande importância para a atuação de todos os profissionais da saúde, o de lidar com as relações humanas. A possibilidade de decodificar, decifrar e perceber o significado da mensagem emitida por um determinado paciente e sua família são essenciais para estabelecer um plano de cuidados corretamente, atendendo às necessidades individuais deste paciente de maneira apropriada.³⁸

A comunicação pode ser dividida em verbal e não verbal, afinal, muitos são os contextos a serem observados durante um simples processo de comunicação. A comunicação verbal é regida pela ação de comunicação por meio das palavras.³⁸

Já a comunicação não-verbal compreende um eixo muito maior de fatores, representando todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, estando seu significado vinculado ao contexto no qual ela ocorre. Ela pode complementar, substituir ou até mesmo contradizer a comunicação verbal, sendo muito importante para expressão de sentimentos. Dessa forma, o tom de voz de uma conversa, gestos, olhares, sentimentos expressos pelo corpo podem denotar a um determinado discurso uma emoção, a qual pode ser expressa através da comunicação não verbal determinada àquela conversa.³⁸

A interação entre essas formas de comunicação adequada é capaz de oferecer maior qualidade ao relacionamento interpessoal, sendo capaz de redescobrir e reconstruir a prática de profissionais de saúde durante sua atuação. Sempre que pensada num contexto de saúde, a comunicação deve ser efetiva, benéfica e terapêutica para o paciente. Pensando nisso, é possível conceituar a comunicação terapêutica como aquela na qual a habilidade do profissional em utilizar seu conhecimento sobre comunicação pode ajudar a família a enfrentar seus problemas, conviver com os outros, ajustar-se ao que não pode ser mudado e superar os bloqueios à auto-realização.³⁸

Na medicina veterinária, entender a comunicação não-verbal demonstrada pelo paciente se torna ainda mais importante e difícil, afinal, essa é a maior forma de entender os sentimentos e expressões de pacientes que não pertencem à mesma espécie da nossa e não são capazes de traduzir suas emoções em palavras, dependendo essencialmente dela e da comunicação proveniente de sua família para traduzir suas necessidades.

É importante entender que toda comunicação de uma notícia deverá ser acompanhada de um entendimento geral da situação na qual ela está sendo aplicada, do paciente e da família com a qual estamos lidando e da forma como estes se comunicam com o profissional da saúde, expressando qual é sua necessidade e intenção em receber informações em um determinado momento. Preferências na forma como recebem informações podem variar de acordo com características relacionadas ao paciente e sua família, como seu gênero, idade, escolaridade, cultura e religião.³⁹

É importante notar que comunicar notícias ruins aos pacientes e sua família gera medo e ansiedade aos profissionais de saúde, que de forma alguma desejam comunicar informações que podem alterar o curso de vida de um paciente. Os profissionais sempre temem que o paciente e sua família possam apresentar reações exacerbadas frente a uma determinada notícia, ou até mesmo que possam desenvolver sintomas de depressão ou baixa adesão ao tratamento em decorrência da notícia. Em alguns cenários, esse medo e angústia dos profissionais pode gerar um tipo de atenção à saúde determinado de paternalista, no qual o profissional da saúde compartilha informações selecionadas, direcionando o ponto de vista do paciente a uma decisão terapêutica determinada ou até mesmo como forma de “proteção” dele frente à notícia difícil.³⁷

Por exemplo, em um estudo envolvendo pacientes humanos com câncer de pulmão incurável recebendo tratamento radioterápico para a doença, cerca de 60% dos doentes em tratamento acreditavam que a terapia traria a cura para sua doença. Esse fato, provavelmente, ocorreu devido à presença de iatrogenias de comunicação relacionadas ao diagnóstico de uma doença terminal, na qual a decisão dos profissionais da saúde em omitir informações podem fornecer falsas esperanças ao paciente e sua família e agravar o quadro emocional sentido pelo paciente em um futuro, que pode ser próximo.⁴⁰

Porém, é importante notar que a comunicação terapêutica quando bem executada, pode determinar uma importante melhora na qualidade de vida de um paciente, à medida que pode proporcionar um diagnóstico de doença e compreensão da família frente à situação precoces, propiciando em alguns casos que a opção por terapias médicas menos agressivas possa ser tomada, tornando a terapia precoce e gerando uma maior sobrevida e qualidade de vida do paciente. Dessa forma, é importante que tenhamos em mente que a atenção à saúde centrada no paciente, aquelas na qual as informações sobre o diagnóstico e tratamento são fornecidas ao paciente com base em sua permissividade, buscando um objetivo terapêutico em comum, possa beneficiá-lo, apesar de parecer difícil em um primeiro momento.³⁷

Com o objetivo de facilitar a comunicação de más notícias aos profissionais da saúde, diversos mnemônicos foram criados, visando adequar as etapas necessárias para a comunicação de más notícias de forma a torná-la acessível em momentos de dificuldade. Por exemplo, o protocolo mais utilizado hodiernamente é

conhecido como SPIKES, sendo inicialmente utilizado pela área de oncologia médica, mas atualmente difundido e utilizado em outras áreas, podendo ser empregado até mesmo com crianças.⁴¹

No protocolo, a letra “S” significa “setting”, ligado à preparação para a conversa, seja relacionada ao profissional da saúde responsável pelo ato da comunicação, ou do ambiente no qual ela ocorrerá. É importante que a preparação para a conversa seja bem realizada, com a revisitação do histórico e situação, bem como saber as respostas para eventuais dúvidas que possam surgir relacionadas a este primeiro contato. Realizar a ambientação adequada, escolhendo um ambiente que seja confortável, que não apresente obstáculos entre as pessoas envolvidas na conversa, que limite possíveis interrupções e fornecer privacidade aos envolvidos são ítems de grande importância. Todos os familiares de importância e responsáveis pelo auxílio na tomada de decisões devem estar presentes (segundo a vontade do paciente) e posicionar a todos em locais de conforto são estratégias de grande valia para o início da conversa. Durante toda ela, deve-se manter um bom contato visual com os receptores do discurso.⁴¹

A letra “P” do mnemônico significa “perception”, estando relacionada ao entendimento do paciente e sua família frente ao problema enfrentado. É nesse momento que o profissional da saúde deve entender qual é o conhecimento de todos sobre a enfermidade e identificar expectativas mal-entendidas, não realísticas e sentimentos de negação. Para determinar esse conhecimento, o profissional deve preferir perguntas amplas e abertas, que permitam a comunicação dos envolvidos de forma livre para melhor entendimento da situação.⁴²

O “I” designa “invitation”, relacionado ao momento no qual deve-se identificar o quanto a família deseja saber sobre a condição do paciente, obtendo sempre uma permissão para compartilhar o que se sabe sobre o quadro e qual grau de detalhamento deve ser dado durante a conversa (ou seja, entender se o tutor é detalhista ou gosta de informações concisas, por exemplo). Em momentos nos quais se obtém uma negativa durante essa conversa, entender os motivos que levaram à negativa (falta de um ente importante da família, por exemplo), podem auxiliar em conversas futuras. Nunca deve-se forçar uma conversa para compartilhar conhecimento que os tutores não desejam saber sobre o paciente. Nesses momentos, planejar encontros futuros podem ser soluções para o problema.⁴²

Quando nos referimos ao “K”, a letra possui a denotação de “knowledge”, representando a porção da conversa na qual as informações são de fato explicadas aos tutores. Alguns tutores gostam de ser avisados no começo dessa conversa que notícias ruins serão retratadas, embora isso não represente um consenso. Nesse momento, o histórico médico é explicado com uma linguagem fácil e acessível, providenciando informações espaçadas e verificando sempre (entre pelo menos 3 informações diferentes) o entendimento da família frente aos dados retratados. Não se deve utilizar jargões ou vocabulário nesse momento e deve-se permitir a expressão de emoções pela família nesse momento e validá-las conforme surgirem. Caso o entendimento sobre a situação não seja possível nesse momento, é possível somente explicar sobre uma parte do quadro e marcar uma nova conversa para dar continuidade ao processo.⁴¹

A letra “E” significa “emotions”, estando vinculada à necessidade de entender quais são os sentimentos do paciente e da família frente às notícias abordadas. Sempre que necessário, a conversa deve ser parada e as emoções que surgirem devem ser endereçadas. Validar os sentimentos expressados, buscar melhor entendê-los (quando não estiverem claros) e dar suporte à família são obrigação do profissional da saúde nesse momento.⁴¹ Perguntas exploratórias e mnemônicos como o NURSE (tratado mais à frente), podem auxiliar a endereçar essas emoções. O profissional da saúde deve sempre validar, aceitar e respeitar os sentimentos da família, no entanto, isso não significa que sua opinião médica sobre o quadro deva ser alterada.³⁷

Por fim, o “S” está ligado a “strategy and summary”, o período no qual um resumo sobre a conversa deve ser propiciada, as principais opções terapêuticas devem ser expostas e deve-se buscar a definição de metas que sejam paciente-específicas. A identificação dos próximos passos deve vir de um consenso claro e bem estabelecido. Por esse motivo, não há necessidade de que ele seja definido em uma única consulta. Retornos devem ser agendados para revisões de sentimentos com relação ao que foi expressado e revisitá-lo quadro e as possibilidades terapêuticas. Definir um modo de contato com a família pode ser importante para que todos possam sanar eventuais dúvidas de um modo que seja confortável e aceito por ambos os lados.⁴²

Figura 6: o mnemônico “SPIKES” e seu significado.



Referência: adaptado de Berkey FJ, Wiedemer JP, Vithalani ND. Delivering Bad or Life-Alering News. American Family Phisician; 2018; 98 (2):99-104.

A figura acima ilustra os principais passos do protocolo “SPIKES”, de forma a sumarizar o conteúdo analisado até esse momento.

Como anteriormente mencionado, outros mnemônicos também existem com o intuito de auxiliar o profissional da saúde a melhor entender e validar sentimentos expressados por seus pacientes durante consultas.³⁷ Um exemplo é o mnemônico “NURSE”, melhor apresentado na tabela abaixo, a qual também apresenta exemplos de frases que podem ser utilizadas dentro de cada situação específica:

Tabela 2: o mnemônico “NURSE”, seu significado e exemplos de aplicação referentes a cada letra do mnemônico.

N (NAMING)	U (UNDERSTANDING)	R (RESPECTING)	S (SUPPORTING)	E (EXPLORING)
<ul style="list-style-type: none"> Você parece estar preocupado com ... Eu me pergunto se você está sentindo bravo. 	<ul style="list-style-type: none"> Se eu estou entendendo corretamente, você está preocupado em como o tratamento irá afetar a vida dele. Isso está sendo extremamente difícil para você. 	<ul style="list-style-type: none"> Isso deve ser uma grande quantidade de informações para lidar. Eu estou impressionado com a forma positiva como vocês tem lidado com o tratamento. 	<ul style="list-style-type: none"> Eu estarei com você durante o tratamento. Por favor, me informe sobre o que posso fazer para ajudar. 	<ul style="list-style-type: none"> Me conte mais sobre as suas preocupações com os efeitos colaterais da terapia. Você mencionou seu medo sobre a terapia. Você pode me contar um pouco mais sobre isso?

Referência: adaptado de Berkey FJ, Wiedemer JP, Vithalani ND. Delivering Bad or Life-Alering News. American Family Phisician; 2018; 98 (2):99-104.

No mnemônico, a letra “N” significa “naming”, ou seja, utiliza frases que podem auxiliar a família em nomear sentimentos que estão sentindo. O “U” está relacionado ao “understanding”, empregando frases que podem auxiliar o profissional no entendimento de sentimentos e situações associadas à comunicação da família. A letra “R” representa “respecting”, trazendo frases que podem ser utilizadas para respeitar sentimentos e situações de dificuldades vivenciadas pelos tutores. O “S” de “supporting” apresenta frases utilizadas para o oferecimento de suporte da família em situações de dificuldade, as quais são de grande valia para impedir que ela sinta desamparo ou isolamento com relação ao sistema de saúde. Por fim, a letra “E” de “exploring” apresenta frases que podem auxiliar o profissional a pesquisar e aprender mais sobre a vivência familiar frente ao quadro do doente ou experiências vividas por estes. O mnemônico possui a função de auxiliar durante essa situação, mas não deve ser utilizada como única alternativa para lidar com os sentimentos trazidos pelo paciente e família durante as comunicações de notícias, sendo a experiência do profissional frente à situação válida para auxiliar durante o processo onde bem-vinda.³⁷

Estudos conduzidos por Blackenburg et al 2020, avaliaram a eficácia da metodologia SPIKES na comunicação de más notícias e descobriram particularidades interessantes relacionadas à algumas etapas do protocolo. Dentre elas, relataram que o momento de “Setting” pode ser um dos mais importantes e valorizados pelos pacientes e famílias que recebem essas notícias. Preparar a conversa adequadamente pode ser um diferencial importante no momento de conversa sobre essas notícias. Demonstrar claridade e conhecimento no momento do “Knowledge” e explorar as fontes de tratamento alternativas à principal durante o momento de “Strategy and Summary” foram de grande valor para 69,4% dos entrevistados. Além disso, demonstrar interesse nos sentimentos dos pacientes e validá-los foi marcadamente importante reconhecidamente por 77% dos entrevistados no trabalho. É válido ressaltar que demonstrar o interesse nesses sentimentos e validá-los não é o mesmo que apresentar compaixão e cuidado excessivo por eles, sendo isso também relatado no artigo.⁴³

É importante notar que, apesar de existir como um protocolo para a comunicação de más notícias, o mnemônico SPIKES não deve ser utilizado como um modelo engessado para contato com o paciente e sua família. Cada indivíduo possui necessidades específicas de acolhimento nesse momento de grande

dificuldade e, portanto, as etapas trazidas podem e devem ser adaptadas.⁴³ É sempre importante estar atento à comunicação trazida pelo paciente e sua família, seja ela verbal ou não-verbal, indicando momentos nos quais a validação de uma determinada emoção expressa pode ser necessária antes de dar continuidade à comunicação, ou até mesmo, respeitar sentimentos de tristeza que podem necessitar de momentos de pausa e silêncio da conversa, que podem ser aliados importantes durante a comunicação.³⁸

Para que seja possível a realização de todas as etapas anteriormente mencionadas, o profissional da saúde deve reservar tempo e atenção adequada para esse momento. Conversas rápidas ou superficiais são vistas como pontos negativos e não permitem ao receptor entender as informações expressas, podendo gerar insatisfações com o profissional da saúde e quebrar o vínculo terapêutico do paciente com a unidade de cuidado.⁴³

Particularidades da família cuidadora também podem ser importantes no momento da comunicação da notícia. Tutores idosos têm preferência por informações claras, desejam estar preparados para a comunicação e demandam maior apoio emocional durante a conversa. Para mulheres, a etapa de “Setting” e apoio emocional nos momentos de necessidade são de maior importância quando comparadas aos homens. Familiares que apresentem transtornos psiquiátricos possuem necessidades diferentes por apoio do profissional também, sendo que aqueles com ansiedade preferem receber maior apoio emocional na conversa, enquanto que pacientes depressivos tendem a evitar expressar essas emoções e podem desejar receber um menor apoio nesse momento. Tutores que apresentam um menor grau de escolaridade tendem a desejar receber informações pré-arranjadas e com maior clareza da fala, evitando termos médicos e jargões.⁴³

Muitas são as necessidades de cuidado com o paciente no âmbito da comunicação e sabe-se que a comunicação terapêutica é um instrumento de grande poder para o tratamento e acolhimento do paciente e criação de seu vínculo com o sistema de saúde no qual é atendido.³⁹ No entanto, nem sempre a comunicação do profissional de saúde com o paciente e sua família é terapêutica, podendo ser alterada por palavras, atitudes e mensagens mal construídas. Essas ações, que podem não ser intencionais, possuem capacidade de machucar o paciente e sua família de forma dura, podendo resultar em conflitos contra o mensageiro, levando à

exclusão do paciente de um compromisso terapêutico e comprometendo a formação do vínculo, impossibilitando o cuidado adequado ao paciente.³⁸

Uma iatrogenia pode ser entendida como um resultado indesejável pela ação prejudicial não intencional dos profissionais de saúde, relacionado à observação, monitorização ou intervenção terapêutica, caracterizando uma falha profissional por negligência. Quando ocorre a imprudência profissional relacionada à percepção inadequada ou má-utilização da comunicação não-verbal durante a comunicação com o paciente e sua família, pode haver a ocorrência de uma iatrogenia relacionada à comunicação, a qual pode gerar perdas importantes para o paciente, interrompendo seu vínculo e continuidade do cuidado e atenção à sua doença. As iatrogenias da comunicação podem ser mais dolorosas ao paciente que a própria condição que o aflige.³⁸

A capacidade de perceber e entender adequadamente a comunicação não-verbal de forma terapêutica ou iatrogênica proveniente da família durante o cuidado, depende exclusivamente da percepção do profissional de saúde frente às informações recebidas, ocorrendo em nível consciente, à medida que são percepções trazidas pelos seus sentidos (visão, olfato, paladar, tato e audição) ao sistema nervoso. Por esse motivo, há maior facilidade para cada um em perceber coisas que sejam interessantes ou agradáveis para cada indivíduo em especial. Dessa forma, há grande necessidade de treinamento dos profissionais da saúde em perceber as diferentes situações que podem ser trazidas a ele, embora hodiernamente haja um déficit dessa temática na graduação de grande parte dos profissionais de saúde em formação.³⁸

A comunicação se faz essencial para conscientizar a família sobre o quadro do paciente, entender suas preferências no tratamento dele e preparar a família para eventuais complicações relacionadas à qualidade de vida e funcionalidade deste paciente ao longo da convivência com a doença. Trata-se de uma forma de entender como a família se sente com relação à situação difícil pela qual estão passando e antecipar e preparar a família sobre o futuro do paciente.³⁸ Ela não deve ser baseada apenas na comunicação de más notícias, mas também deve ser rica em amor, compaixão e compreensão sobre o quadro do paciente, buscando melhor conhecer a si e sua família, de modo que possa servir de instrumento terapêutico.³⁹

D. COMO O VETERINÁRIO PODE AUXILIAR NO LUTO?

Uma vez que a morte do ente querido ocorre, a aceitação da ocorrência da morte e a certificação de que ela realmente ocorreu pode levar algum tempo para acontecer, sendo necessário que essa aceitação ocorra de forma cognitiva e emocional. Nesse processo, o indivíduo deverá entender os sentimentos causados em seu interior por essa grande mudança que atravessa sua vida (raiva, tristeza, etc) e encontrar formas para lidar com eles e expressá-los. É importante ressaltar que esse processo não necessariamente estabelece uma ordem ou a expressão de apenas uma emoção das clássicas “fases do luto” de forma ordenada e estabelecida, podendo se encontrarem mescladas ao longo desse processo.⁴⁵

Dessa forma, é fundamental que a pessoa enlutada pela perda de seu animal de estimação possa encontrar uma forma de validação e reconhecimento da perda ao longo desse processo. O não reconhecimento dessa perda pode levar a uma forma de complicações desse luto. Cerca de 30% dos tutores de animais evoluem para formas de luto complicado devido ao não reconhecimento dessa forma de luto. Por esse motivo, a participação do médico veterinário, da família, de seus amigos e sistemas de suporte são essenciais para o auxílio durante essa fase.⁴⁷

Os médicos veterinários, profissionais dedicados ao cuidado e suporte aos animais de companhia e seus tutores podem e devem fazer uma diferença significativa na experiência de luto do tutor após a perda de seu animal.⁴⁸ A forma pela qual eles podem manejar o cuidado dedicado aos animais no final de vida pode auxiliar em aliviar (ou em situações negativas, agravar) os sintomas de luto experienciados pelo tutor. Hodiernamente, a maior parte dos profissionais visam, não somente oferecer suporte medicamentoso a esses animais, mas também oferecer suporte emocional e bem-estar ao tutor que enfrenta esse desafio.⁴⁹

Quando a perda pode ser antecipada ou houver oportunidade após a perda, os profissionais da saúde trabalhando sobre o caso ou ao redor dos entes passando pelo processo de luto pelo animal de companhia são as melhores pessoas para compreender o caso e disseminar informações pertinentes para o indivíduo enlutado e sua rede de suporte, buscando evitar e prevenir ruídos da comunicação que possam agravar os sintomas do luto. Conhecer quais tipos de reações podem ocorrer nesse momento, auxilia no planejamento e manejo da situação, sendo associado com melhores resultados.⁴⁴ Por esse motivo, em casos de doenças terminais, o acompanhamento da família por uma equipe especializada nos

cuidados paliativos é de grande valia. É importante que essa equipe saiba como apresentar uma comunicação efetiva, tenha sua confiança, apresente-se de forma respeitosa e apresente um cuidado compassivo com o tutor e a família.⁵

Apesar de existirem situações em comum entre a perda de uma pessoa e um animal, diferenças entre essas perdas também podem ser notadas e devem ser levadas em consideração. Por exemplo, nos casos no qual a eutanásia é recomendada pelos profissionais, a decisão pela eutanásia de um outro ser que também possui vida pode representar uma intensa dificuldade ao tutor. Os médicos veterinários devem ser extremamente sensíveis a esses momentos e providenciar suporte ao tutor nesse período. Tutores que optam pela eutanásia podem possuir sentimentos de culpa a si próprios ou outras pessoas, e também podem duvidar da decisão de outros pelo procedimento ou possuírem arrependimentos da decisão em momentos futuros. Essas sensações devem ser discutidas previamente ao procedimento, quando há tempo hábil, para reduzir o impacto desses sintomas. Além disso, quando o veterinário perceber esses sinais no tutor, é importante que se preste a escuta ativa sobre o fato, as preocupações sejam validadas e seja realizada a reafirmação da importância e recomendação da decisão em tempo ideal.⁵⁰

Outra importante diferença entre a morte de humanos e animais está relacionado ao fato de honrar e memorar o ente querido falecido. Na maior parte dos casos, quando ocorre a morte de humanos, algum tipo de despedida e memorial são esperados, podendo honrar costumes específicos da cultura de sua família ou até mesmo necessidades pessoais previamente descritas pelo ente falecido. Para os animais, a realização de memoriais e cerimônias de despedida ainda não são comuns, são pouco prescritas pelos veterinários e podem ser desvalorizadas por entes pertencentes à rede de apoio da pessoa.²³ Dessa forma, se faz importante conversar com a família do animal sobre a sua necessidade e vontade de realizar algum tipo de funeral para o falecido, principalmente quando há possibilidade de adiantamento do conhecimento sobre um provável falecimento. É importante ressaltar que existe uma maior flexibilidade sobre os funerais e memoriais para animais e, assim que os tutores puderem enxergar os benefícios dessa maior flexibilidade e possibilidade de personalização, é provável que eles possam se engajar nessa atuação. A ausência de reconhecimento da morte é um fator que pode dificultar o processo de luto, dessa forma, é importante que todos os entes

queridos desse animal possam ser incluídos ou convidados de alguma forma para esse memorial.⁴⁵

Em pesquisas relacionadas ao luto por animais de companhia, participantes relatam experiências pessoais sobre como foi lidar com esse momento tão delicado. Alguns referem que nos primeiros momentos após o acontecimento, as principais sensações percebidas remontam a um isolamento, evitar contato social e buscar mudar o destino já estabelecido de alguma forma, sendo por vezes até mesmo difícil reconhecer a si próprios dentro desse sentimento.¹⁵ A necessidade de idealização do animal de companhia falecido também é comumente relatada, exaltando características únicas de seu pet e desejando vê-las em outros animais, sejam existentes ou desejando as mesmas características para futuros animais de companhia. Além disso, algumas pessoas também referem sentimentos de culpa sobre o que aconteceu com seu animal, não reconhecendo necessariamente o processo de doença pelo qual o animal passou ou mesmo as recomendações de profissionais da saúde especializados.⁴⁶

Com a evolução do sentimento, ou mesmo na fase inicial para outras pessoas, estratégias para lidar com o sentimento também estavam relacionadas à necessidade de superação do ocorrido através de ações específicas. Os sentimentos de superação puderam ser obtidos em alguns casos através de doações realizadas em nome de seus pets para instituições como hospitais escola ou faculdades de veterinária (contribuindo para a educação e pesquisa na área da medicina veterinária), realização de memoriais ou enterros para seus animais, a imersão em cargas horárias maiores de trabalho, cuidados com as vidas de novos animais e animais da comunidade em situação de doença, ou mesmo focando em ações positivas.²³ Lembrar de sensações de perdas de outras pessoas ou animais e sobre a possibilidade de superação desses momentos também auxiliou pessoas enlutadas a superar esse delicado momento.⁴⁶

Em alguns casos, a experiência de perda de um animal também auxiliou algumas pessoas a enxergarem mais sentido e valor a vida e até mesmo a tomar decisões para sua própria vida que poderiam ser consideradas mais saudáveis ou positivas após experienciar o luto pelo seu animal de companhia. Essas sensações também podem ter sido enxergadas como uma maior liberdade financeira, maior liberdade de modo geral ou através da possibilidade de se conectar com novas pessoas durante o processo de luto e construir novas amizades.⁵

Apesar de cada relacionamento e sensação de perda ser única, conhecimentos práticos relacionados ao momento de perda e luto podem ser importantes para auxiliar durante esse momento. Reconhecer similaridades entre a perda de humanos ou animais de companhia podem auxiliar a providenciar uma estrutura aceitável para interpretar as experiências de uma pessoa. Para o indivíduo que passa pela perda, entender que outras pessoas podem ter tido experiências similares às dele pode ser confortante. Quando sua rede de suporte melhor entende o processo de luto, reconhecendo o vínculo tutor-animal como único e relacionando o sentimento de perda do tutor com sentimentos prévios de perda pelas quais podem ter passado, a rede de apoio pode trocar ações bem-intencionadas mas ineficazes (como comentários insistentes), por maior suporte e comentários que validem o sentimento de perda. Ensinar aos familiares e à rede de cuidado do tutor sobre as eventuais necessidades que ele possa apresentar durante o período de luto e incentivar a validação dos sentimentos dessa pessoa e a busca ativa por grupos e atividades que possam apresentar um impacto positivo nesse período são opções importantes a serem ponderadas pelo veterinário.⁵

Com o passar do tempo, é importante entender a forma como o tutor está lidando com o luto relacionado à perda de seu animal de estimação e averiguar se há uma evolução favorável, com base nos mecanismos acima indicados através do acompanhamento da família, seja através de telefonemas, encontros, ou conversas. Nos casos em que há indícios da criação de um luto complicado e sem resolução após o período de aproximadamente um ano, ou nos quais essa situação é esperada, pode ser necessário conversar com o tutor sobre a possibilidade de acompanhamento com profissionais da saúde especializados na saúde psíquica humana como psiquiatras ou psicólogos.¹⁵

Reconhecer a morte e oferecer ao tutor suporte, seja através de suas condolências, acompanhamento da equipe durante o processo ou até mesmo durante a eutanásia quando indicada, ou pela memorialização de seu animal podem auxiliar durante o processo. No entanto, é importante reconhecer que cada tutor apresenta sua história, cultura e religiosidade, não havendo uma forma única de se comportar durante a perda de um paciente, sendo necessário se manter um bom observador, ouvinte e estar disponível para se moldar as diferentes informações captadas.⁵

Nos casos em que a eutanásia pode ser uma recomendação válida, a identificação do melhor momento para sua realização também pode ser informada por esse profissional. É importante que aspectos relacionados à eutanásia sejam discutidos de forma clara, quando essa opção será considerada.²³ Dentre essas características, é importante considerar o local de realização (hospitalar ou em casa), a vontade dos tutores e familiares em estarem presentes durante a situação, considerar se a opção é válida para o caso e assegurar a validade do procedimento ao tutor de forma que não hajam dúvidas sobre sua indicação, explicar sobre como ocorre o procedimento, verificar a possibilidade de preenchimento de papelada e acerto financeiro previamente ao procedimento ou posteriormente a ele (no caso do pagamento, apenas) e oferecer apoio e suporte emocional à família, estando disposto a escutar de forma ativa e validar os seus sentimentos durante o processo.⁵¹

7 O PAPEL DOS FAMILIARES, AMIGOS E ESPIRITUALIDADE

Participantes de pesquisas relacionadas ao luto pela perda de animais referem que o papel de amigos e familiares após a perda de um animal querido para sua família apresentaram um impacto importante no auxílio a lidar com o luto. Os métodos pelos quais esse auxílio foi importante foram através de 3 principais maneiras: ajudar na manutenção de conversas sobre o animal falecido, através de reconhecimento de seu luto e participação no processo de luto e auxiliando o enlutado em se manter ocupado em outros momentos.⁵

Amigos e familiares que se mantém presentes durante o luto, auxiliam a manter a memória do animal falecido, sugerem maneiras de auxiliar na lembrança do ente perdido e até mesmo a participação em grupos de luto, sejam presenciais ou online, são importantes para pessoas enlutadas pela perda de animais de companhia. Em casos nos quais foi possível realizar um memorial para o animal, tutores enlutados referem que a participação e suporte de amigos e familiares auxiliou no reconhecimento de seu sentimento e validação do luto.⁵²

Manter-se presente na vida do enlutado e checar sobre seu status emocional, seja através de encontros presenciais, ligações, mensagens, e mails ou recomendações de grupos para auxiliar a lidar com o luto são coisas positivas e que podem ser estratégias importantes para auxiliar o enlutado a reconhecer e superar o sentimento de perda.⁵

A manutenção e incentivo à espiritualidade durante esse momento também são de grande valia para auxiliar durante o luto, seja através de rezas, comparecimento em eventos relacionados à religiosidade, ou simplesmente através da sensação de se encontrar em conjunto ou protegido por seu animal de estimação. O incentivo às práticas religiosas, respeitando as preferências e culturas individuais de cada indivíduo específico podem ser de grande valia durante o processo de luto.⁵²

Assim como a participação de amigos e familiares de forma positiva e cuidadosa para com o enlutado auxilia na recuperação desse delicado momento, a participação de outras pessoas nesse momento de forma negativa pode dificultar o processo e torná-lo mais difícil para quem lida com a perda. Amigos e familiares que evitam conversar sobre a perda ou emitem sentimentos e expressões negativas como “era apenas um animal” ou “quando você irá adotar outro?” podem trazer à tona sentimentos negativos e dificultar o processo de luto.⁵¹

8 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão bibliográfica acima apresentada, é possível perceber que os animais apresentam grande impacto na vida dos seres-humanos, assim como o contrário também é verdadeiro. Através das relações construídas entre essas diferentes espécies, é possível notar o desenvolvimento de vínculos de apego que trazem inúmeros benefícios para ambas as espécies e que movem uma relação de amor incondicional, raramente observada nas relações hodiernas.

Por esse motivo, o adoecimento e falecimento de um ente tão querido, mesmo que de outra espécie, pode trazer inúmeros prejuízos a ambas as partes dessa relação, acometimento campos da esfera física, social, psicológica e espiritual, que podem levar ao sofrimento.

Dessa forma, entender o vínculo criado entre as espécies, respeitá-lo e validá-lo como ele merece deve ser um grande objetivo do médico veterinário na busca pelo tratamento do paciente. Apesar de a saúde animal ser tida como o maior objetivo de enfoque desse profissional durante a terapia, é necessário que também exista um vínculo entre o tutor e o profissional da saúde durante o tratamento, buscando o estabelecimento de um vínculo importante para o tratamento do paciente terminal ou diagnosticado com uma doença ameaçadora da vida.

Entender o tipo de doença apresentada, classificá-la quanto ao seu tipo de declínio da funcionalidade e acompanhar o paciente ao longo dela é essencial para que se possa abordar o paciente de forma terapêutica e de acordo com a necessidade dele em cada fase e sua terminalidade. Estar presente como uma fonte de suporte emocional e segurança para o tutor é essencial para a formação do vínculo tutor-animal-veterinário e para que as medidas terapêuticas estabelecidas possam ser promovidas ao paciente de forma íntegra. Compreender as necessidades da família em cada etapa da terminalidade, comunicar de forma terapêutica as novidades encontradas e quais serão os próximos passos de evolução da doença são objetivos essenciais na terapia e promovem um maior conforto e estabilidade ao tutor em meio à uma fase rica em incertezas.

Quando a hora da morte chegar, é importante explicar as alterações relacionadas a esse processo de forma clara e visando o total entendimento do tutor sobre a situação, a fim de que o processo de morte do paciente não seja complicado e o processo de luto do tutor possa ser aliviado.

O médico veterinário deve oferecer apoio emocional ao tutor e à sua família e fornecer a eles estratégias para atravessar um período caracterizado por grande sofrimento emocional e incertezas, sempre validando a relação de amor única existente entre dois indivíduos de espécies diferentes.

Dessa forma, o papel do médico veterinário no luto deve ir muito além do simples cuidado robotizado com a saúde animal, devendo reconhecer o cuidado com a saúde de forma ampla e integrada, com a finalidade de promoção da saúde em seus mais diversos âmbitos. O cuidado deve ser rico em amor, compaixão e ternura, estando sempre cientes de que em muitas situações, um ato de carinho conforta muito mais do que qualquer medicação.

REFERÊNCIAS

- 1- Friedmann E, Krause-Parello CA. Companion animals and human health: benefits, challenges, and the road ahead for human–animal interaction. *Revue Scientifique et Technique*, 2018;37(1):71-82.
- 2- Grogan, J. Marley & eu: a vida e o amor ao lado do pior cão do mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Prestígio; 2006. 272p.
- 3- Friedmann E, Katcher AH, Lynch JJ, Thomas S.A. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Hlth Rep*, 1980;95(4):307–312.
- 4- Brandes S. The meaning of American pet cemetery gravestones. *Ethnology*, 2009;48:99–118.
- 5- Reisbig AM, Hafen Jr. MA, Drake AA, Girard D, Breunig ZB. Companion Animal Death: A Qualitative Analysis of Relationship Quality, Loss, and Coping. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 2017;75(2):124-150.
- 6- Delarissa FA. Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista; 2003. 409p.
- 7- Thompson MC, Kim AB. Understanding the Experiences of Elderly Bereaved Men and the Bond With Their Pets. *OMEGA - Journal of Death and Dying*; 2012;86(4):1291-1311.
- 8- Baker SB, Wolen AR. The Benefits of Human–Companion Animal Interaction: A Review. *Journal of Veterinary Medical Education*; 2008;35(4):487-495.
- 9- Stanley IH, Conwell Y, Bowen C, Van Orden KA. Pet ownership may attenuate loneliness among older adult primary care patients who live alone. *Aging Ment. Hlth*; 2014;18(3):394–399.

- 10- Enmarker I, Hellz O, Ekker K, Berg AG. Depression in older cat and dog owners: the Nord-Trndelag Health Study (HUNT)-3. *Aging Ment. Hlth*; 2015;19(4):347–352.
- 11- Sirard JR, Patnode CD, Hearst MO, Laska MN. Dog ownership and adolescent physical activity. *Am. J. Prev. Med*; 2011;40(3):334–337.
- 12- Bolin SE. The effects of companion animals during conjugal bereavement. *Anthrozoos*; 2015;1(1):26-35.
- 13- Morley C, Fook J. The importance of pet loss and some implications for services. *Mortality*; 2005;10:127–143.
- 14- Wilson CC, Netting FE, Turner DC, Olsen CH. Companion animals in obituaries: An exploratory study. *Anthrozoös*; 2013;26:227–236.
- 15- Vieira, MNF. Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. *Psicologia em Revista*, 2019;25(1):239-257.
- 16- Martins MF, Pieruzzi PAP, Santos JPF, Brunetto MA, Fruchi VM, Ciari MB, Luppi MJR, Zoppa LM. Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. *Braz. j. vet. res. anim. sci*; 2013;50(5): 364-369.
- 17- Field NP, Orsini L, Gavish R, Packman W. Role of attachment in response to pet loss. *Death Studies*; 2009;33:334–355.
- 18- Kovács, M. J. (2009). Perdas e processo de luto. In F. S. Santos et al. (Org.). A arte de morrer. Vol. 1. Bragança Paulista: Comenius; 2009. pp. 217-238.
- 19- Bowlby, J. Apego e perda. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes; 2004; p496.
- 20- Zilcha-Mano S, Mikulincer M, Shaver PR. An attachment perspective on human-pet relationships: Conceptualization and assessment of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality*, 2011;45:345–357.

- 21- Wrobel TA, Dye AL. Grieving pet death: Normative, gender, and attachment issues. OMEGA; 2003;47:385–393.
- 22- Boss P. The trauma and complicated grief of ambiguous loss. Pastoral Psychology; 2010;59:137–145.
- 23- Matte AR, Khosa DK, Coe JB, Meehan M, Niel L. Exploring pet owners' experiences and self-reported satisfaction and grief following companion animal euthanasia. Vet Rec; 2020;187(12):105-129.
- 24- Ortman JM., Velkoff VB, Hogan H. An aging nation: The older population in the United States. Current Population Reports; 2014:1–28.
- 25- Davies N, Crowe M, Whitehead L. Establishing routines to cope with the loneliness associated with widowhood: A narrative analysis. Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing; 2016;23(8):532–539.
- 26- Soulsby L, Bennett K. Widowhood in late life. Encyclopedia of Geropsychology; 2015:1–8.
- 27- Murtagh FE, Bausewein C, Verne J, Groeneveld EI, Kaloki YE, Higginson IJ. How many people need palliative care? A study developing and comparing methods for population-based estimates. Palliat Med 2014;356:49-58.
- 28- World Health Assembly. Strengthening of palliative care as a component of integrated treatment within the continuum of care. 134th session of the World Health Assembly. EB134.R7 May 2014. http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA67/A67_31-en.pdf
- 29- Murray AS, Kendall M, Mitchell G, Moine S, Amblàs-Novellas J, Boyd K. Palliative care from diagnosis to death. BMJ 2017;356:j878:1-5.

- 30- Souza LA, Souza TM, Junqueira LCFL Cuidados Paliativos. Taís Marina de Souza, Brasília: SE/UNA-SUS, 2017. Livro digital. https://telessaude.hc.ufmg.br/wp-content/uploads/2016/07/CUIDADOS-PALIATIVOS_LIVRO.pdf
- 31- Comissão Permanente de Cuidados Paliativos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Vamos falar de Cuidados Paliativos; 2014. <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/11/vamos-falar-de-cuidados-paliativos-vers--o-online.pdf>
- 32- Kendall M, Carduff E, Lloyd A. Different experiences and goals in different advanced diseases: comparing serial interviews with patients with cancer, organ failure, or frailty and their family and professional carers. *J Pain Symptom Manage*; 2015;356:216-24.
- 33- Cavers D, Hacking B, Erridge SE, Kendall M, Morris PG, Murray SA. Social, psychological and existential well-being in patients with glioma and their caregivers: a qualitative study. *CMAJ*; 2012;356:E373-82
- 34- Mason B, Nanton V, Epiphanou E, et al. "My body's falling apart." Understanding the experiences of patients with advanced multimorbidity to improve care: serial interviews with patients and carers. *BMJ Support Palliat Care*; 2016;356:60-5
- 35- Tapsfield J, Hall C, Lunan C, et al. Many people in Scotland now benefit from anticipatory care before they die: an after death analysis and interviews with general practitioners. *BMJ Support Palliat Care*; 2016;356:1-10.
- 36- Lloyd A, Kendall M, Starr JM, Murray SA. Physical, social, psychological and existential trajectories of loss and adaptation towards the end of life for older people living with frailty: a serial interview study. *BMC Geriatr*; 2016;356:176.
- 37- Berkey FJ, Wiedemer JP, Vithalani ND. Delivering Bad or Life-Altering News. *American Family Physician*; 2018; 98 (2):99-104.

- 38- Araújo MMT, Silva MJP, Puggina ACG. A comunicação não-verbal enquanto fator iatrogênico. Rev Esc Enferm USP; 2007;41(3):419-425.
- 39- Araújo MMT, Silva MJP. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. Rev Esc Enferm USP; 2007; 41 (4): 668-674.
- 40- Chen AB, Cronin A, Weeks JC. Expectations about the effectiveness of radiation therapy among patients with incurable lung cancer. J Clin Oncol. 2013;31(21):2730-2735.
- 41- Cruz CO, Riera R. Comunicando más noticias: o protocolo SPIKES. Diagn Tratamento; 2016; 21(3):106-108.
- 42- Kaplan M. SPIKES: a framework for breaking bad news to patients with cancer. Clin J Oncol Nurs; 2010; 14(4):514-516.
- 43- Blackenburg P, Hofmann M, Rief W, Seifart U, Seifert C. Assessing patients' preferences for breaking bad news according to the SPIKES-protocol: the MABBAN scale. Patient Education and Counseling; 2020; 103:1623-1629.
- 44- Kimbell B, Murray SA, Macpherson S, Boyd K. Embracing inherent uncertainty in advanced illness. BMJ; 2016;356:i3802
- 45- Castle J, Phillips WL. Grief rituals: Aspects that facilitate adjustment to bereavement. Journal of Loss and Trauma; 2003; 8:41–71.
- 46- Tugade MM, Fredrickson BL. Resilient individuals use positive emotions to bounce back from negative emotional experiences. Journal of Personal and Social Psychology; 2004; 82:320–333.
- 47- Adams CL, Bonnett BN, Meek AH. Predictors of owner response to companion animal death in 177 clients from 14 practices in Ontario. J Am Vet Med Assoc; 2000; 217:1303–9.

- 48- Bishop G, Cooney K, Cox S. AAHA/IAAHPC end- of- life care guidelines. *J Am Anim Hosp Assoc*; 2016; 52:341–5.
- 49- Dickinson GE, Roof PD, Roof KW. A survey of veterinarians in the US: euthanasia and other end- of- life issues. *Anthrozoös* 2011; 24:167–74.
- 50- Virdun C, Luckett T, Davidson PM. Dying in the hospital setting: a systematic review of quantitative studies identifying the elements of end- of- life care that patients and their families RANK as being most important. *Palliat Med* 2015;29:774–96.
- 51- Fernandez-Mehler P, Gloor P, Sager E. Veterinarians' role for PET owners facing PET loss. *Vet Rec*; 2013;172:555.
- 52- Lavorgna BF, Hutton VE. Grief severity: A comparison between human and companion animal death. *Death Studies*; 2019; 43(8):521-526.